



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DALLILA RAYARA DE ALMEIDA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO PROCESSO DE ENSINO E DE  
APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS- PB**

**2018**

**DALLILA RAYARA DE ALMEIDA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO PROCESSO DE ENSINO E DE  
APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores/CFP da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa

**CAJAZEIRAS - PB**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras – Paraíba

S586i Silva, Dallila Rayara de Almeida.  
A importância da imagem no processo de ensino e de aprendizagem da geografia escolar / Dallila Rayara de Almeida Silva. - Cajazeiras, 2018.  
62f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Geografia escolar. 2. Imagem- aulas de geografia. 3. Aprendizagem em geografia. 4. Geografia-estudo e ensino. I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS


CDU – 91:37

**DALLILA RAYARA DE ALMEIDA SILVA**

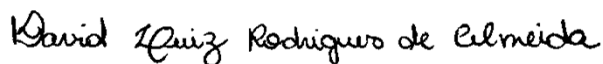
**A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO PROCESSO DE ENSINO E DE  
APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR**

Aprovada em:14/03/2018

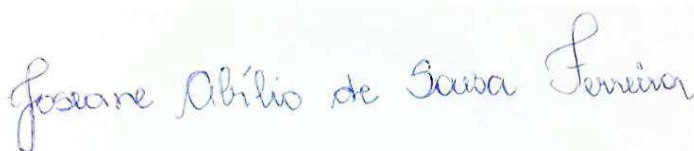
**BANCA EXAMINADORA**



**Professor Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa**  
(UFCG - Orientador)



**Professor Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida**  
(UFCG - Examinador I)



**Professora Dr.ª. Joseane Abílio de Sousa Ferreira**  
(UFCG - Examinadora II)

**CAJAZEIRAS – PB**

**2018**

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, por todas as bênçãos derramadas em minha vida. Dedico também aos meus pais, Maria e Damião, pela educação, carinho e amor que me dão todos os dias.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, por a saúde que me deu durante toda a graduação, permitindo que eu trabalhasse, estudasse e escrevesse esta monografia, simultaneamente, com paciência e dedicação.

À minha amada mãe, Maria, e ao meu querido pai, Damião, que acreditaram em mim e não mediram esforços para me ajudarem em todas as etapas da minha vida, sempre apoiando e incentivando as minhas escolhas. Aos senhores, principais responsáveis pela minha formação, meus agradecimentos eternos!

Aos meus irmãos, Géssica, David e Aparecida Daiara, e ao meu sobrinho, João Ítalo, pelos momentos de felicidade que me proporcionaram. Amo muito vocês!

Ao meu noivo, Francisco Alison, pelo amor, paciência e companheirismo em todas as horas, e pelas palavras de carinho e incentivo que direcionou a mim. Não tenho palavras suficientes para agradecer-te!

À minha inesquecível avó, Espedita Leite (*in memorian*), por me incentivar a estudar, a lutar pelos meus objetivos e a ser uma pessoa de bem. Para sempre, agradecerei à senhora!

A todos os meus colegas da turma do Curso de Licenciatura em Geografia 2013.2, em especial aos meus amigos Maiara, José Joaquim, João Paulo e Sinval Júnior, pela cumplicidade, apoio e momentos de grandes alegrias. À minha amiga, Maiara, agradeço particularmente, pela paciência, pelos abraços e pela mão que sempre se estendia quando eu precisava. Desejo que nossa amizade dure muito! Muito obrigada, por tudo, amiga!

A todos os professores da Universidade Federal de Campina Grande Campus Cajazeiras-PB que colaboraram imensamente para a minha formação acadêmica.

Ao meu admirável orientador, Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa, pelas correções, incentivo e dedicação à minha pesquisa. Muito obrigada!

Ao Professor Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida e à Professora Dra. Joseane Abílio de Sousa Ferreira por fazerem parte da Banca Examinadora do meu Trabalho de Conclusão de Curso, presenciando este momento tão importante na minha vida.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho!

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema A importância da imagem no processo de ensino e de aprendizagem da Geografia escolar. A escolha do tema se deu através dos estágios supervisionados, onde percebemos a necessidade em explorar a imagem nas aulas de Geografia, e também por meio do exercício profissional como professora do 6º ano do ensino fundamental, onde constatamos o quão é significativo este recurso para o ensino e compreensão dos conteúdos da disciplina Geografia. A construção deste trabalho englobou referencial teórico fundamentado a partir de leituras de dissertações, teses, artigos, livros e monografias sobre a temática, e também pela atuação em sala de aula que permitiu as observações e análises do desempenho dos alunos nas atividades desenvolvidas com o auxílio das imagens, sendo possível coletar os dados e demonstrar os resultados. Esta monografia tem por objetivo analisar a importância em utilizar a imagem no ensino da Geografia escolar, e com este intuito apresenta discussões sobre a definição da imagem, a imagem como meio de informação, o papel do professor na mediação entre o aluno e o estudo da imagem e a importância da vivência escolar para a formação do professor, evidenciando um relato de experiência que apresenta o uso da imagem no ensino de três temáticas – paisagem, representações cartográficas e biosfera. Ao finalizar a pesquisa, podemos concluir que a imagem é um recurso didático que possibilita aos alunos compreenderem o seu espaço vivido e deste feito entender o mundo em sua dinâmica social e natural. Desejamos, portanto, que este trabalho sirva de reflexão para que outros professores/pesquisadores conheçam a relevância em complementar o livro didático com outros recursos, em especial a imagem.

**Palavras-Chave:** Imagem. Ensino. Aprendizagem. Geografia.

## ABSTRACT

The present work has as theme The importance of the image in the process of teaching and learning of the school geography. The choice of this subject has come from through the supervised stages, where we realized the need to explore the image in Geography classes, and also through the professional exercise as a teacher of the 6th grade of elementary school, where we verified how significant this resource for the teaching and understanding of the contents of the Geography discipline. The construction of this work encompassed a theoretical framework based on reading of dissertations, theses, articles, books and monographs on the subject, and also by the classroom performance that allowed the observations and analyzes of students' performance in the activities developed with the suport of images, making it possible to collect the data and to demonstrate the results. This monograph aims to analyze the importance of the use of the image in the teaching of school geography, and for this purpose it presents discussions about image definition, image as a means of information, the role of the teacher in mediation between the student and the study of the image and the importance of school experience for teacher training, evidencing an experience report that presents the use of the image in the teaching of three themes - landscape, cartographic representations and biosphere. At the end of the research, we can conclude that the image is a didactic resource that allows the students to understand their lived space and as of this to understand the world in its social and natural dynamics. We hope, wherefore, that this work will serve as a reflection so that other teachers/researchers know the relevance of complementing the textbook with other resources, especially the image.

**Keywords:** Image. Teaching. Learning. Geography.



## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> Cisnes refletindo elefantes.....	23
<b>Imagem 2</b> Chapada da Diamantina-BA.....	33
<b>Imagem 3</b> Cidade de João Pessoa-PB.....	33
<b>Imagem 4</b> Enseada de Botafogo (1885) .....	37
<b>Imagem 5</b> Enseada de Botafogo (2007) .....	37
<b>Imagem 6</b> Vegetação nativa do Brasil .....	39
<b>Imagem 7</b> Residência e plantação de cacto palma em meio à Caatinga.....	43
<b>Imagem 8</b> Alunos elaborando o mural com as imagens .....	45
<b>Imagem 9</b> Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais.....	48
<b>Imagem 10</b> Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais .....	48
<b>Imagem 11</b> Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais .....	49
<b>Imagem 12</b> Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais .....	49
<b>Imagem 13</b> Desenhos de paisagens com predominância de elementos sociais.....	50
<b>Imagem 14</b> Desenhos de paisagens com predominância de elementos sociais.....	50
<b>Imagem 15</b> Desenho de paisagem com predominância de elementos sociais.....	50
<b>Imagem 16</b> Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos .....	52
<b>Imagem 17</b> Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos .....	52
<b>Imagem 18</b> Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos .....	52
<b>Imagem 19</b> Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos .....	52
<b>Imagem 20</b> Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos .....	53
<b>Imagem 21</b> Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos .....	53
<b>Imagem 22</b> Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos .....	53
<b>Imagem 23</b> Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos .....	53
<b>Imagem 24</b> Croqui do percurso de casa até a escola elaborado pelo aluno .....	54
<b>Imagem 25</b> Croquis dos percursos de casa até a escola elaborados pelos alunos .....	55
<b>Imagem 26</b> Croquis dos percursos de casa até a escola elaborados pelos alunos .....	55

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>O USO DA IMAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR.....</b>	<b>12</b>
2.1	A definição de imagem.....	12
2.2	A imagem como meio de informação.....	14
2.3	A importância da imagem nas aulas de Geografia.....	17
2.4	O papel do professor na mediação entre o aluno e o estudo da imagem.....	21
<b>3.</b>	<b>A IMPORTÂNCIA DA VIVÊNCIA ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....</b>	<b>26</b>
3.1	Relato de experiência.....	28
3.1.1	O primeiro tema selecionado – Paisagem.....	31
3.1.2	O segundo tema selecionado - Representações cartográficas.....	38
3.1.3	O terceiro tema selecionado – Biosfera.....	42
<b>4.</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>47</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da imagem como recurso didático que media o ensino e a aprendizagem da Geografia escolar. A decisão em pesquisar sobre este tema se deu através das regências dos estágios curriculares supervisionados, quando percebemos a desvalorização das imagens no ensino. O interesse pela temática fortaleceu-se, também, através da minha docência no ensino fundamental desde o começo do ano letivo de 2017 até o presente, com a qual foi possível observar a facilidade que os alunos tinham em compreender os conteúdos quando trabalhados com o auxílio das imagens.

As discussões ocorridas na Universidade sobre o ensino nas escolas contribuem para a atuação como professores, no entanto é no *locus* de atuação profissional, ou seja, na sala de aula, por meio da experiência adquirida que compreendemos a importância em se trabalhar os conteúdos da Geografia com determinados recursos e metodologias, em especial o recurso didático imagem.

Sabemos que as salas de aulas são compostas por alunos que possuem realidades e capacidades de aprender distintas uns dos outros. Por tais motivos, é necessário que o professor busque utilizar diferentes maneiras de ensinar, usando recursos didáticos que realmente facilitem o processo de ensino e de aprendizagem e que possam contribuir para interligar o cotidiano dos alunos com a escola, mostrando a utilidade prática de aprender o que está sendo ensinado.

Vivemos diante de inúmeros recursos tecnológicos, porém nem todas as escolas oferecem tais equipamentos e eles por si só não substituem o professor no ato de refletir e propor questionamentos, sendo necessário e importante que o docente pesquise e planeje a melhor maneira de utilizá-los. Assim sendo, a imagem aparece como um recurso de fácil obtenção e baixo custo e que pode contribuir muito para o bom desenvolvimento das aulas de Geografia nas escolas.

Além da vivência em sala de aula por meio das observações, aplicações de projetos de intervenções e análises proporcionados pelos estágios supervisionados e atuação profissional, o caminho metodológico para a construção deste trabalho englobou leituras de teses, dissertações, artigos, livros e monografias sobre a temática. A partir destas leituras e dos conhecimentos construídos por meio da prática, analisamos o tema e fundamentamos a importância da imagem no ensino e na aprendizagem da Geografia escolar.

Diante destas perspectivas, esta monografia foi estruturada da seguinte forma:

O primeiro capítulo intitulado **O uso da imagem no ensino da Geografia escolar** traz uma abordagem sobre a definição de imagem, atentando que esta palavra possui diversos significados. O capítulo também enfoca a imagem como meio para fornecer informações sobre determinada temática, expõe a importância da imagem como recurso didático para as aulas de Geografia, fortalece o entendimento de que a imagem proporciona o ensino e o estudo da paisagem como categoria de análise do espaço, fazendo-nos compreender como a sociedade se organiza e como a natureza modifica a paisagem e, por fim, o papel do professor na mediação entre o aluno e o estudo da imagem, consolidando a concepção de que o professor também contribui para que os alunos leiam criticamente a imagem e formulem as suas próprias opiniões.

O segundo capítulo intitulado **A importância da vivência escolar para a formação do professor**, traz uma discussão evidenciando que é na escola que o professor irá refletir sobre a sua prática de ensino, portanto é de grande importância ter o conhecimento sobre a estrutura e sobre os sujeitos que estão neste ambiente para que se possa atuar de forma satisfatória, além de ter a oportunidade de levar assuntos para serem debatidos e socializados na academia. Diante destas considerações, este capítulo é desenvolvido com a apresentação de um relato de experiência que expõe como a imagem foi utilizada no ensino de três temáticas – paisagem, representações cartográficas e biosfera - em uma turma de 6º ano do ensino fundamental no ano de 2017.

No terceiro capítulo, **Resultados e discussões**, evidenciamos os objetivos que alcançamos utilizando a imagem no ensino, mostrando como o uso deste recurso didático facilita o ensino e contribui para a aprendizagem dos alunos. Nesta perspectiva, este capítulo descreve como os discentes participaram das atividades durante o ensino com a imagem, e demonstra como esta participação colaborou para o bom desenvolvimento das aulas e para a aprendizagem dos mesmos. E por fim, concluímos o trabalho com as considerações finais.

Em síntese, pretendemos que o leitor compreenda a importância da imagem no ensino e na aprendizagem da Geografia escolar, refletindo sobre a relevância do professor como mediador entre o aluno e o estudo com este recurso didático e perceba a influência da vivência escolar para a formação profissional.

## 2 O USO DA IMAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Existem diversos tipos de imagens que podem ser trabalhadas nas aulas de Geografia. No entanto, mesmo sendo fácil encontrar imagens referentes aos mais variados assuntos dessa disciplina, nem sempre elas são trazidas para a sala de aula ou exploradas de maneira satisfatória. Ocorre que, em alguma das vezes, a imagem, principalmente do livro didático, é considerada apenas como ilustração dos conteúdos, sem serem estimuladas as interpretações sobre ela, o que é uma prática errônea no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Estamos de acordo com Pontuschka *et al.* (2009) quando afirmam que visualizamos diversas imagens de inúmeras fontes no nosso cotidiano, mas elas passam despercebidas quanto à exploração de seus significados. Neste ponto de vista, é necessário que a escola desenvolva um processo de alfabetização geográfica explorando a imagem como recurso para compreender o mundo. Assim sendo, estes autores ressaltam que:

Elas nos chegam por meio de fotografias nos jornais, com movimento nas propagandas da televisão e nos filmes, mas há a necessidade de, geograficamente, pensar o sentido que tais representações têm para a formação cultural de professores e alunos. É estranho que as escolas não promovam uma alfabetização relacionada a imagens e sons, assim como existe a alfabetização cartográfica, como forma de entendimento do mundo (PONTUSCHKA *et al.*, 2009, p. 279).

Portanto, é necessária a dedicação para a análise da imagem como meio de interpretação/informação, e não apenas como ilustração do texto escrito, devendo ser vista com um recurso adicional às aulas de Geografia, relacionando-a sempre com o conteúdo e com o espaço físico e social no qual o aluno está inserido. Desta forma esse recurso passará a ter significados para o estudo e poderá facilitar a compreensão do assunto trabalhado, pois o aluno irá vê-la como um recurso de informações adicionais ou complementares àquelas lidas anteriormente no texto, podendo ser um subsídio para solucionar dúvidas que possam surgir no momento da leitura.

### 2.1 A definição de imagem

Antes de iniciarmos a discussão sobre a importância da imagem no ensino e na aprendizagem da Geografia escolar, é de grande importância que apresentemos a sua definição, e também o seu conceito para alguns autores.

O significado da imagem é amplo e depende muitas vezes da finalidade do sujeito que a utiliza. Queremos dizer que a imagem não será interpretada da mesma forma por todos os observadores, pois depende do objetivo de análise do sujeito, ou seja, das informações que a pessoa quer obter ao observar e dos conhecimentos que ela possui sobre os conteúdos fornecidos pela imagem. Portanto,

É evidente que esse processo está intimamente vinculado à atenção e à informação: o ponto no qual se terá a próxima fixação é determinado ao mesmo tempo pelo objeto da busca, pela natureza da fixação atual e sua variação do campo visual. Quando se olha uma paisagem do alto de uma colina, a busca visual será diferente (como serão diferentes os pontos sucessivos de fixação e o ritmo) se o olhar for de um geólogo, de um apreciador de ruínas romanas ou de um agricultor. Esse exemplo simplista mostra que só há busca visual quando houver projeto de busca mais ou menos consciente [...] (AUMONT, 1993, p.60).

Conforme o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras, imagem apresenta a seguinte definição:

**imagem** (*i.ma.gem*): s.f. 1. Representação visual (desenho, gravura, pintura etc.) de pessoa ou coisa: *O documentário mostrou imagens surpreendentes da Amazônia*. 2. Reprodução plástica de santos ou divindades que são objeto de culto: *No altar-mor ficava a imagem do santo padroeiro*. 3. Reprodução de pessoa ou objeto por efeito de fenômenos ópticos de reflexão e refração: *O espelho refletiu a sua imagem abatida*. 4. Impressão, passageira ou duradoura, de pessoa, objeto ou fato: *As imagens dramáticas do tsunami não me saíam da cabeça*. 5. Semelhança, parença, cópia: *A filha é a imagem da mãe quando nova*. 6. Fig. Conceito que se tem de alguém ou de alguma coisa: *É um profissional cioso de sua imagem*. 7. Fig. Aquilo que simboliza alguma coisa: *O soldado ferido era a imagem da dor* (BECHARA, 2011, p.681).

Concordando com a citação anterior, podemos afirmar que a palavra imagem é polissêmica, e os seus significados estão divididos em dois grupos: conotativos e denotativos, como nos explica Rodrigues (2007, p. 69): “Os denotativos referem-se àquilo que a imagem representa com ‘certa precisão’, no seu sentido real; os conotativos, àquilo que a imagem pode ‘interpretar’ em um determinado contexto, em um sentido figurado e simbólico”.

Para Martins (2013, p. 3), a imagem é entendida como representação ou semelhança de alguma coisa, em outras palavras é “uma metáfora, porque aproxima duas coisas diferentes; e uma descrição, visto que revela uma visão do mundo, real ou não real, representável ou irrepresentável pela racionalidade”, portanto permite a comparação e a associação entre algo existente e algo que ela representa.

Rodrigues (2007, p. 68), discutindo sobre a definição de imagem, acrescenta que:

[...] a imagem é uma representação visual, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode estar no campo do concreto, quando se

manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou no campo do abstrato, por meio das imagens mentais dos indivíduos.

Nas palavras de Costa (2005 apud RODRIGUES, 2007, p. 68), a imagem tem um papel importante para a nossa memória, onde as vivências oportunizam a criação e armazenamento de imagens na mente que, em seguida, são processadas e transformadas em conhecimentos, e permitem dividir as nossas emoções com as outras pessoas:

Os estudos sobre imagens mostraram que elas têm, na cultura humana, uma função muito mais complexa que na vida de outras espécies animais. Além de reconhecer amigos e inimigos, de diferenciar presas e predadores, de situar os seres num espaço de onde podem entrar e sair, as imagens mentais que obtemos de nossa relação com mundo podem ser armazenadas, constituindo nossa memória, podem ser analisadas por nossa reflexão e podem se transformar numa bagagem de conhecimento, experiência e afetividade. E mais, desenvolvemos técnicas que nos permitem expressar todo esse movimento interno, mental e subjetivo através de outras imagens, estas criadas por nós. Desenhos, pinturas e esculturas permitem que compartilhemos com os outros as emoções e sentimentos despertados na nossa relação com o mundo.

As imagens podem ser entendidas como uma forma de representar os inúmeros espaços e eventos do planeta, constituindo um intermédio entre o homem e o mundo, pois o mundo não é acessível ao estudante de forma instantânea, sendo imprescindível um meio pelo qual ele possa pesquisar de imediato sobre algum acontecimento. Além disso, a imagem está estritamente relacionada à imaginação, que é, segundo Flusser (2002, p. 7-9):

[..] a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões [do espaço/tempo] em símbolos planos e de codificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens. [...] Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que elas eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas. [...] O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente.

Dentre estas definições e conceitos, o significado que mais se relaciona com os objetivos desta pesquisa é a imagem como representação visual de objeto, de fenômeno e de pessoa por meio de desenho e/ou pintura, podendo incluir também o meio fotográfico de apresentar e produzir imagens, sendo um meio de expressão, linguagem e comunicação, e servindo de recurso para realizar observação, descrição e análise de algo, e assim facilitando o estudo dentro e fora da sala de aula.

## 2.2 A imagem como meio de informação

A imagem está cada vez mais presente no cotidiano da maioria das pessoas, e constitui uma importante linguagem visual, principalmente entre os jovens e aqueles que têm acesso à

televisão e aos aparelhos tecnológicos conectados ou não a internet (câmeras fotográficas, celulares, computadores, entre outros). As imagens também surgem através de figuras ou gravuras em livros, revistas, jornais, assim como os textos que as acompanham, são de grande importância para efetivar a informação que pretendem fornecer ao leitor/estudante.

Desde a pré-história a imagem é uma forma de comunicação entre os homens, pois, dentre outros motivos, ler e escrever eram direitos de uma pequena parcela da sociedade. Tais fatores refletem na sociedade atual, na qual muitas pessoas que não dominam a leitura de textos escritos utilizam as representações visuais para compreenderem determinados assuntos. O século XX foi marcado pelo avanço de tecnologias que valorizaram e propagaram a imagem, e este recurso passou a ser meio de informação e conhecimento (RODRIGUES, 2007). O autor Rodrigues (2007, p. 68) acrescenta suas ideias sobre a imagem, afirmando que:

Existe uma quantidade incalculável de imagens sendo produzida atualmente e colocada ao alcance do público. É preciso aprender a pensar por meio delas usando-as de maneira adequada para os fins a que se destinam. A criação de imagens vincula-se a uma causa ou a um fim específico, seja ele religioso, político, ideológico, publicitário, educacional, informacional, ilustrativo, artístico etc., sempre com uma ligação às características sociais, culturais, religiosas, econômicas etc. de cada sociedade ou grupo.

Não podemos esquecer o fato de que, costumeiramente, os seres humanos aprendem primeiro com a visão, e depois com a fala, pois podem fazer a leitura visual do contexto em que estão inseridos para iniciarem as suas compreensões do mundo. Nessa perspectiva, a imagem auxilia a aprendizagem, pois os alunos aprendem observando, descrevendo e, conseqüentemente, analisando, ou seja, a imagem amplia as formas de entender o objeto. Portanto,

Se o visual, ou seja, as imagens podem contribuir para a aprendizagem, sem dúvida é uma proposta metodológica possível de ser utilizada nas aulas de geografia de forma satisfatória, nessa perspectiva as aulas de geografia podem vir a se tornar mais atrativas, e despertar maior interesse nos alunos, podendo vir a proporcionar uma aprendizagem com mais significados (ZATTA; AGUIAR, 2009, p.4).

Podemos dizer que a imagem tem o mesmo poder de informação que as palavras, considerando que elas estão presentes em diversos espaços e fornecem mensagens de forma rápida, e geralmente são acompanhadas de cores, por exemplo, que chamam a atenção do leitor para ela. No que se refere ao processo de consumo, a visão se transformou no sentido mais importante para a sociedade atual, e a imagem constitui um excelente meio de informação e persuasão, de tal forma que as pessoas confiam fortemente no que veem e são influenciadas a



escolher determinado produto. Por isso os meios de comunicação investem mais nas imagens como meio de propagação rápida das mensagens do que nos textos que acompanham estas representações, sendo comum ver propagandas com muitas imagens e pouco texto (ABREU; SANTOS, 2010).

Sendo percepção “ato, efeito ou faculdade de perceber”, cada pessoa vai perceber as informações de acordo com os conhecimentos que ela tem do mundo (FERREIRA, 2001, p.526). Logo, as imagens aparecem como “elementos que podem interferir positiva ou negativamente na compreensão da realidade, pois a capacidade de abstração humana revela as diferentes formas de (re) interpretação do conhecimento e, conseqüentemente, as diferentes visões do mundo”, pois a imagem irá interferir no desenvolvimento do conhecimento, variando de pessoa para pessoa. Ora, se a pessoa acredita imediatamente no que ver, possivelmente ela se deixará levar pelas informações que o autor que passar, mas se ela sabe analisar criticamente essas representações, conseqüentemente ela saberá criar seus argumentos para concordar com não com as informações fornecidas (BELO, 2009, p.38).

A imagem aparecia como ilustração ou elemento estético daquilo que era falado ou escrito. Com o advento do jornalismo moderno, a imagem se transforma em um componente informativo e indispensável, surgindo como um instrumento de expressão e comunicação, visto que apresenta inúmeros signos que podem ser percebidos pela maioria das pessoas (LOPES, 1988, apud MARTINS, 2013, p. 4). De acordo com estas considerações, entendemos que a imagem é uma linguagem, portanto esta não é apenas ilustrativa e se destaca como um considerável recurso de ensino onde os alunos serão incentivados a analisá-las e interpretá-las, pois:

[...] a imagem expressa visualmente elementos ligados ao tema de estudo, e, abre, sobretudo, possibilidades de um trabalho cognitivo amplo com os alunos, permitindo desenvolver capacidades ligadas a análise, interpretação e síntese, além de estabelecer ligações concomitantes com o sensitivo. Tê-la como linguagem é uma premissa que abre um campo vasto para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido no corpo de conhecimento de uma ciência (PIMENTEL, 2002, p. 23).

Devemos nos atentar ao fato de que a imagem por si só não nos fornece todas as informações necessárias ao ensino e à aprendizagem. É de grande importância que consideremos o texto que a acompanha e, também, é necessário compreender que o que vemos de imediato na imagem não corresponde ao fato concreto, pois os entendimentos das informações se alteram na medida em que analisamos os detalhes presentes no desenho,

fotografia e/ou gravura. Assim, na medida em que “lemos a imagem” obtemos mais dados sobre ela, até alcançarmos o conhecimento sobre o conteúdo que objetiva representar.

### 2.3 A importância da imagem nas aulas de Geografia

Sabemos que a Geografia enquanto disciplina escolar nos permite utilizar diversas metodologias e recursos de ensino, levando em conta que:

As diferentes linguagens proporcionam ao educador trabalhar os conteúdos articulados a uma técnica que facilitará a compreensão do aluno, sendo indispensável à formação do professor-educador para o uso desses recursos (linguagens de mapas, imagens e músicas). A ciência geográfica disponibiliza através de seu objeto de estudo, o espaço, à articulação com métodos didáticos que insira o aluno nesse processo de ensino – aprendizagem (ALVES, 2016, p.29).

O ensino e o estudo utilizando a imagem permitem que o aluno perceba as transformações ocorridas nas localidades, assim como os fatores que agem nestas transformações, efetivando uma análise sobre o espaço geográfico. Nesta perspectiva, podemos desenvolver o estudo de um lugar com mais de uma imagem para que se possa “analisar as mudanças que ocorreram e as suas consequências para a população” e para o espaço, ou seja, a imagem facilita também a interpretação das paisagens como resultadas dos diferentes acontecimentos sociais e naturais no espaço (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p. 82).

Nessa perspectiva, a imagem é um importante recurso a ser utilizado nas aulas de Geografia, pois a partir dela podemos descrever e construir interpretações sobre determinados espaços, já que as “imagens têm o propósito de representar o mundo” (FLUSSER 2002, p.9), no entanto é crucial considerar os textos que a acompanham, pois ela pode trazer signos que o aluno não consiga decifrar rapidamente ou possa formar conclusões diferentes da real intenção do texto.

Podemos ainda evidenciar a importância da imagem no estudo da cultura, pois se traduz como uma representação da história humana, onde será criada uma “ligação” entre o hoje e o ontem, servindo de objeto para representação e possíveis análises e conclusões (JOLY, 1996).

A imagem pode favorecer a melhor fixação do conteúdo durante o momento de aprendizagem, já que ela estimula a imaginação (produção de imagens na mente). Esse recurso isolado ou associado aos vídeos proporciona ao discente comparar e perceber as diversas paisagens. O uso de vídeo, considerando-o como organização e reprodução de imagens, é uma maneira de incluir nas aulas um recurso didático que a maioria dos alunos tem acesso e facilidade de compreender, portanto o professor deve utilizá-lo no processo de ensino como

uma ferramenta que vai além do conteúdo escrito, e que permite repetir ou congelar cenas para que sejam possíveis debates, explicações e anotações sobre o seu conteúdo. Desse modo, Zatta e Aguiar (2009, p. 9) afirmam que utilizar imagem nas aulas:

[...] pode promover situações que facilitam a aprendizagem. Presente em nosso ambiente cultural, nós professores não podemos ignorar o seu uso no processo educacional. Considerar a imagem como material educativo é valorizar uma forma de linguagem que a população de um modo geral tem acesso. Assim trabalhando com imagens, poderemos valorizar e aproveitar as potencialidades educativas de outra linguagem, além da escrita.

Podemos obter imagens dos diversos conteúdos que são trabalhados em sala de aula de maneira simples por meio da internet, do livro didático ou fotografia dos ambientes que envolvem os alunos e que são relacionados à aula, além de auxiliar estes sujeitos a conhecerem características de determinados lugares que não podem visitar no momento do estudo, ou devido a distância ou pelo custo do deslocamento até o local. Então a imagem serve para essa aproximação entre o aluno e o objeto de estudo, ocasionando um melhor e maior entendimento acerca dos assuntos geográficos.

O professor pode encontrar diversos tipos de imagens sobre os mais variados conteúdos de Geografia, no entanto a maior parte dos professores recorre apenas às imagens apresentadas no livro didático, o que acaba sendo, em alguns casos, um empecilho para a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, pois “o que também se nota é a repetição das mesmas imagens em vários deles. Isso se dá pelo fato das editoras preferirem trabalhar com imagens de domínio público, o que também barateia o custo da obra” (GODOY, 2009 apud GODOY, 2013).

Além da repetição da mesma imagem para evidenciar vários conteúdos em diversos livros, há o grande distanciamento entre o aluno e o lugar que está sendo abordado no livro, pois pode acontecer de os livros não trazerem imagens e informações sobre a localidade em que está inserido o aluno. Comumente, apresentam imagens distante daquelas onde o aluno reside. Podemos perceber, ainda, que muitas vezes os livros não trazem atualizações e nem se preocupam com as particularidades sociais e naturais. Concordamos com as observações feitas por Godoy (2013, p. 36) quando destaca que:

Neste aspecto também nos deparamos com algumas deficiências de alguns livros didáticos. No estudo da Caatinga, por exemplo, como um bioma rico em biodiversidade, as fotografias normalmente estampavam apenas parte deste. É importante a variedade de imagens, e que estas também apresentem os animais da Caatinga e os momentos nos quais ela está verde. Se os estudantes tiverem acesso apenas a cenas de vegetação seca podem identificar este bioma menos importante do que os outros. Da mesma forma, podemos indicar à turma a presença de urbanização, tecnologia e universidades nos países africanos e os livros não os estamparem, mas destacarem em suas imagens a Savana e seus animais.

No entanto, isso pode servir de fortalecimento para a ideia de que devemos buscar as melhores fontes e recursos didáticos para melhorar o desenvolvimento das nossas aulas. Então, se o livro não apresenta conteúdos relacionados a localidade na qual residem os alunos, cabe ao professor buscar meios para isso, como por exemplo estimular trabalhos de pesquisa onde os alunos podem procurar imagens ou desenhar as paisagens dos lugares nos quais eles pertencem para que sejam desenvolvidas aulas cujo objetivo seja a compreensão do local com direcionamento para o entendimento em dimensão global.

De acordo com Shoko (2011) é importante que o professor conheça o contexto em que seus alunos estão inseridos para que ele mobilize o saber geográfico que eles já possuem e possam relacionar a realidade local com a mundial em relação a diversos assuntos. Desta forma os alunos terão mais facilidade em compreender os conteúdos da Geografia escolar, pois já possuem um entendimento prévio sobre a temática. Portanto, é importante que o professor busque:

[...] no quadro de vida dos alunos o aspecto que o caracteriza, cuja articulação a uma realidade mais ampla deve ser procurada. Dessa maneira, evidencia-se como o contexto local se embebe de um todo, no qual se entrelaçam diferentemente as instâncias políticas, sociais e econômicas (SHOKO, 2011, p. 179).

Quando o aluno é estimulado a conhecer e comparar os distintos temas geográficos, o mesmo passa a associar os fatos e fenômenos abordados na aula com o seu cotidiano. Assim, “ensinar Geografia significa possibilitar ao aluno raciocinar geograficamente o espaço terrestre em diferentes escalas, numa dimensão cultural, econômica, ambiental e social” (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.19), logo o professor passará a associar os conteúdos previsto no currículo com as características dos lugares que os alunos vivem, por isso é muito importante que o professor conheça o espaço de vivência dos alunos para que saiba construir esse vínculo entre o conhecimento e o aluno da maneira mais simples e que possibilite a aprendizagem.

As imagens parecem estar presentes no cotidiano dos alunos, por isso o professor deve explorá-las a fim de que os alunos aprendam com mais facilidade. É muito importante que o professor tenha cuidado para não tratar as imagens apenas como ilustrações do texto. É necessário que ele estimule os alunos a interpretá-las e a percebê-las como recurso que fornece informações tão precisas quanto o texto escrito. A partir daí o aluno será instigado a perceber cada detalhe da imagem e poderá, inclusive, criar seu próprio texto de descrição e análise. É nesta perspectiva que Godoy (2013, p.20) nos afirma que:

[...] as imagens, em algumas ocasiões, são vistas como um mero complemento dos textos, uma ilustração, quando são, na verdade, um outro texto, com uma leitura própria e tão importante quanto o escrito, que muitas vezes conduzem a equívocos. E cabe ao professor levar seu aluno a ver a imagem não como uma —fotografial do real daquele fato histórico estudado, mas a questionar sua função e temporalidade, sendo capaz de identificar suas mudanças e permanências.

Além disso, a imagem transmite informações de maneira muito rápida, sendo uma forma de comunicação quase imediata. Uma imagem faz o aluno imaginar, ou seja, elaborar na sua mente outras imagens relacionadas com a imagem vista primeiramente, além de uma interpretação mental ou oral (BITTENCOURT, 2009 apud GODOY, 2013, p. 29).

Segundo Santaella e Noth (2008, p. 15), a interpretação da imagem passa por um “processamento” na mente daquele que a visualiza, possuindo um lado perceptível e um lado mental, considerando que a percepção fornece informações à consciência, que processa e as transforma em conhecimento.

A imagem pode contribuir para o ensino e o estudo da paisagem como categoria de análise geográfica, pois é com a leitura da paisagem que conseguimos analisar a história da população que vive naquele local e os elementos naturais e sociais que o compõe e como a sociedade utiliza. Consideramos que a paisagem resulta da interação de inúmeros fatores, assim possui muitos significados que podem ser abordados em diversos conteúdos da Geografia (CALLAI, 2001).

O ensino de Geografia não está voltado a somente “reconhecer as características físicas dos lugares, mas comparar a organização das diferentes sociedades e como foram ocupando o meio físico em vários períodos históricos” (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.8). O ensino da Geografia permite que os alunos reconheçam estas ações da sociedade, percebendo que a mesma não é estável e o espaço geográfico concentra os resultados destas atividades e apresenta nas paisagens. Para que se possa compreender a paisagem atual é necessário conhecer os motivos que influenciaram a sua materialização e a relação estabelecida entre as diversas sociedades. À vista disso, a educação geográfica é importante porque:

[...] contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p.9-10).

Concordamos com Castellar e Vilhena (2011, p.16) quando afirmam que “compreender a Geografia do lugar em que se vive significa conhecer e aprender que as paisagens são distintas”, pois podemos identificar várias construções civis em uma mesma paisagem, assim como movimentos de pessoas em diferentes fluxos e lugares, e todos esses fatores podem ser representados em gravuras, pinturas e/ou fotografias, pois todos os lugares possuem uma “imagem característica” que pode ser captada por um aparelho fotográfico ou desenhado, por exemplo, para depois ser estudada na sala de aula.

Conforme a autora Amador (1998b apud PIMENTEL, 2002), a imagem deve ser considerada como parte do texto que permite a reflexão sobre os conteúdos que estão sendo abordados e que proporciona o desenvolvimento de metodologias de ensino, como por exemplo a pesquisa:

Segundo a autora, o professor deve conceber as imagens como formas de organizar idéias e desenvolver a comunicação, pois o valor pedagógico de uma imagem se relaciona com sua capacidade de gerar idéias. Neste sentido, ela deve ser vista como uma oportunidade para pensar e não apenas como meio de transmitir informações. As imagens devem possibilitar o desenvolvimento de atitudes de pesquisa, portanto, a imagem escolhida deve permitir a recuperação de informações anteriores, facilitando associações e construções de analogias (AMADOR, 1998b apud PIMENTEL, 2002, p. 25).

Partindo da visão apresentada na citação anterior, o uso desse recurso didático contribui para a aprendizagem, pois permite visualizar os fenômenos de uma maneira diferenciada do texto apresentado no livro didático, sendo uma boa oportunidade para o professor auxiliar o aluno a fazer uma análise crítica, considerando os detalhes expostos nas representações.

#### 2.4 O papel do professor na mediação entre o aluno e o estudo da imagem

A interpretação da imagem depende do sujeito que a analisa, ou seja, a imagem fornece muitas informações, mas depende dos conhecimentos que o leitor possui e do contexto social em que está inserido. A autora Martins (2013, p. 12) considera que as pessoas “[...] fazem leituras diferenciadas de uma mesma imagem porque possuem vivências e experiências diferentes, tiveram uma educação diferente e desenvolveram gostos diferentes”. Além destas considerações, a imagem traz consigo intenções de quem a produziu, daí a necessidade de aprofundar o olhar crítico sobre ela e orientar nossos alunos a questionarem o que os meios de comunicação divulgam a todo momento.

Podemos afirmar que o estudo da imagem vai além da sala de aula. É uma forma de analisar o espaço/realidade através da percepção e leitura da imagem que representa a paisagem. Todavia, as imagens não podem ser confundidas com o real, ou com a ideia de que “as imagens não mentem”, pois cada vez que analisamos a imagem, podemos obter novas informações sobre ela que alteram a interpretação. Nas palavras de Godoy (2013, p. 33):

Muitas vezes, o que se enxerga à primeira vista pode variar depois de um olhar mais atento, ou mesmo duas pessoas não veem uma situação do mesmo jeito [...]. Esta percepção pode variar de pessoa para pessoa, dependendo do contexto em que ela se formou e/ou vive, pois a carga de símbolos que trazemos afeta a percepção da imagem.

Assim sendo, o estudo com a imagem necessita da mediação do professor para auxiliar os alunos a questionarem o que há por trás das intenções do fotógrafo ou elaborador da imagem, e o que ela realmente quer representar.

Os alunos têm acesso a inúmeros meios tecnológicos que fornecem os mais variados tipos de representações visuais. Essas imagens que alcançam facilmente e rapidamente grande número de pessoas necessitam da interpretação crítica que, na maioria das vezes, só será possível com a mediação ou orientações do professor.

Se tomarmos a obra de Salvador Dalí (Imagem 1) apenas como recurso de descrição da paisagem, poderemos perceber que rapidamente formamos um entendimento, e após análises minuciosas reconheceremos novos dados que podem alterar a compreensão. De imediato vemos elefantes, mas depois de uma leitura mais detalhada percebemos que a pintura apresenta os reflexos dos cisnes e das árvores na água que formam as cabeças e os corpos dos elefantes. Há também um homem no lado esquerdo da pintura, aparentemente insatisfeito com algo, considerando que está isolado e cabisbaixo, e ainda existe uma canoa por trás dos cisnes e das árvores, e outros elementos. Contudo, poderemos nos deparar com alunos que afirmarão que se tratam de cisnes na lagoa, outros enxergarão apenas elefantes, e ainda terão alunos que dirão que a imagem representa a pintura dos dois animais. Isso acontece porque um indivíduo poderá desenvolver uma percepção e interpretação da realidade diferentes do outro (GODOY, 2013).

**Imagem 1:** Cisnes refletindo elefantes



**Fonte:** DALÍ, 1937

A escola tem o papel muito importante na formação de cidadãos que questionem o que é produzido pela sociedade. É necessário estimular nos alunos a curiosidade pelas imagens, para que eles busquem entender o que realmente há por trás delas e o que levou o autor a fotografar ou desenhar apenas aquele local e não o seu entorno.

Muitas vezes os autores de imagens ou fotógrafos destacam apenas um espaço para representar o todo ou os próprios personagens da fotografia podem apresentar atitudes e características que, na verdade, não fazem parte de seus costumes. Desta forma, se o professor não estimular os alunos a pensarem e pesquisarem sobre a totalidade do(s) espaço(s), dificilmente eles formarão opiniões próprias, pois não estarão ao alcance de todos os dados necessários para isto.

Ao usar documentários, filmes ou imagens em sala de aula, é necessário que o professor fique atento aos significados das imagens para evitar que os alunos acreditem que estão diante de uma verdade. É muito importante que eles tenham em mente que os autores podem incrementar suas intenções nas imagens, a fim de que os leitores acreditem fielmente nelas. Assim, comumente observamos fotografias de lugares que têm o intuito de representar o espaço como um todo, como podemos perceber em alguns livros didáticos que mostram apenas as características positivas ou negativas dos países, criando uma ideia de que o território só possui



aquelas marcas (pobreza, seca, corrupção, doença, riqueza). Isso ocorre, na maioria dos casos, porque:

A câmera ligada desperta, naquele que está sendo filmado/fotografado, uma preocupação em como será visto pelas pessoas e as impressões que desencadeará nas mesmas. Este sujeito pode ter atitudes sobre as quais acredita que irão despertar admiração nas pessoas. Também há a possibilidade de um indivíduo de comportamento mais pacífico assumir uma postura de alguém mais agressivo com o intuito de criar polêmicas. Outro fator de reflexão é o conjunto de variáveis: a perspectiva de quem está por trás das câmeras, o ângulo em que a cena será captada, em qual dos personagens ela se demorará mais, quem ficará em primeiro plano, as intenções do diretor quanto ao filme, a ideia a ser transmitida, como a edição das cenas será feita. Uma edição pode modificar – e muito – o conteúdo já filmado (GODOY, 2013, p.37).

Sobre a diversidade de interpretações que a mesma imagem pode gerar, Rodrigues (2007, p. 70) nos afirma que:

A fotografia traz em si uma mensagem que é produzida por alguém, transmitida por algum tipo de mídia e absorvida por um receptor que dela fará uso, mesmo que apenas no nível de uma visualização despreziosa. Todavia, qualquer que seja o uso que dela irá fazer, o receptor, ao interpretá-la, será influenciado por suas próprias imagens mentais e por todo o aparato cognitivo, cultural, ideológico, religioso, político etc., que adquiriu durante os anos e que são parte de sua vida. Essas influências fazem com que uma mesma foto possa sofrer diversos tipos de interpretação quando vista por diferentes receptores.

Outra questão que merece ênfase é o fato de que muitas escolas proíbem o uso de celulares e/ou outros aparelhos tecnológicos de informação conectados ou não à internet nas salas de aulas, e isso acaba se tornando um empecilho à aprendizagem. Concordamos com Silva (2007), Bévort e Belloni (2009) conforme citados por Godoy (2013, p.39) quando asseveram que:

[...] a escola precisa mediar a relação entre este aluno e as tecnologias de informação e comunicação, e somente ela poderá formar as novas gerações como cidadão capazes de usar estas tecnologias para expressar suas próprias opiniões, participar da vida política e interagir com outros indivíduos. A escola deixou de ser a detentora do saber e diante de tantas informações disponíveis, cabe a ela orientar os estudantes na seleção dos materiais de pesquisa, contribuindo com a formação da sua autonomia.

Vale ressaltar que uma grande parcela da sociedade não usufrui de aparelhos tecnológicos e internet, sendo de grande importância que as escolas disponibilizem computadores para o uso dos alunos. As imagens atraem rapidamente a curiosidade dos alunos, e é muito importante que os recursos tecnológicos sejam incorporados às aulas e que haja um tempo estabelecido para realizar pesquisas referentes aos conteúdos, desta forma o professor

poderá orientar os discentes nas descrições e análises dos dados representados. Além disso, a internet oferece uma grande variedade de imagens para ensinar e estudar a mesma paisagem, assim o professor e os alunos podem buscá-las para compreender melhor os conteúdos.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA VIVÊNCIA ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR**

Como sabemos, o professor, assim como todos os profissionais, precisa de formação continuada, sendo o seu ambiente profissional o principal espaço para esta construção. No entanto, muitas vezes a escola é considerada como um ambiente apenas de ações, dificultando a reflexão sobre a importância da base teórica para atuação na escola, pois é necessário pensar na prática e na teoria como duas dimensões intrinsecamente relacionadas e importantes para a formação do professor. Neste sentido, Cavalcanti (2012, p.76) nos diz que “professor crítico-reflexivo é, dessa forma, aquele profissional que tem competência para pensar sua prática com qualidade, crítica e autonomia, tendo como base referenciais teóricos”.

Para os estudantes de cursos de licenciaturas e professores da educação básica, a escola é um espaço de constante formação, pois terão a oportunidade de refletir sobre o processo de ensino e de aprendizagem e sobre a importância da pesquisa, ação e reflexão (CAVALCANTI, 2012). Podemos perceber, neste contexto, a importância do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciaturas, onde os futuros professores irão interagir com o seu campo de atuação, adquirindo experiências e formulando medidas para enfrentar os desafios da prática pedagógica, ou seja, além da construção dos saberes docentes, o licenciando passará a observar o seu futuro campo de trabalho e poderá intervir de forma positiva, sempre que possível (MACIEL; MENDES, 2012).

Conhecer a escola é fundamental para atuar nela. O futuro professor deve compreender que a sala de aula não é um espaço isolado da escola, e a escola, por sua vez, não é um ambiente isolado da sociedade.

Ao conviver na escola com os sujeitos que a constitui, o estudante de cursos de licenciaturas pode perceber que a escola não se caracteriza apenas pela sala de aula, e que é necessário que as pessoas presentes neste ambiente planejem alcançar objetivos comuns, como por exemplo condições que propiciem a aprendizagem dos alunos. Deste modo, é de suma importância que o futuro professor conheça a organização do espaço escolar e a relação entre as pessoas que estão presentes nele. Para tanto, Sato e Fornel (2011, p.54) trazem a seguinte afirmação:

O trabalho no espaço escolar não é mecânico, é de sujeitos coletivos, e o objetivo final não é um produto material ou o lucro, e sim a apropriação do conhecimento e o enriquecimento intelectual de toda a comunidade escolar; portanto, nesse espaço social de construção, cada participante precisa agir cooperativamente, com a intenção de complementar o trabalho do outro, colaborar para a formação da equipe

principalmente quanto aos objetivos comuns: a melhoria das circunstâncias da aprendizagem.

A vivência na escola permite, inclusive, que o professor busque novas e diferentes maneiras de ensinar. A partir do conhecimento sobre o funcionamento e estrutura da escola, o professor pode desenvolver aulas que permitam investigação e compreensão dos conceitos da Geografia, para que o aluno se aproprie destas informações e pratiquem o conhecimento no seu espaço vivido utilizando a observação, a análise e a solução de problemas, além de conhecer o ambiente de sua escola. Como nos sugerem Sato e Fornel (2011, p.56) possibilidades de se trabalhar Geografia a partir da estrutura da escola:

A escola tem diferentes espaços de convivência, todos com funções determinadas. Podemos fazer o estudo desse território para a construção de conceitos de Geografia como o de uso do solo, densidade demográfica, espaço geográfico com seus fixos e fluxos, utilizando uma planta baixa da escola. [...]Esse estudo tem por objetivo a racionalidade no uso do espaço escolar com vistas à melhoria da qualidade do seu ambiente. Ele pode ser proposto para que os alunos investiguem o espaço de sua vivência construindo conceitos de Geografia e desenvolvam também habilidades como: observações, levantamentos de problemas, análise das situações e estudo das possibilidades.

Ao desempenhar as atividades na escola, o professor pode perceber que o ensino se processa de forma satisfatória quando o aluno participa ativamente do processo de aprendizagem. Esta concepção contribui para formação do professor que compreende que ele não é o único sujeito que possui conhecimentos e, a partir disto, pode melhorar suas práticas em sala de aula.

A vivência na escola pode permitir que o professor seja um pesquisador ativo do seu ambiente de trabalho, e com isso possa identificar e solucionar eventuais problemas que dificultam a aprendizagem dos alunos. A experiência em sala de aula e o conhecimento acerca dos alunos podem possibilitar ao professor contextualizar os conteúdos, sempre traçando caminhos para o conhecimento. Pode colaborar, também, para a formação do professor no que diz respeito à autoavaliação, visando refletir sobre as suas práticas de ensino e o modo de pensar sobre a avaliação dos alunos. Neste sentido, “em primeiro lugar está a necessidade da transformação de uma avaliação normativa, que segue regras institucionais, para uma avaliação formativa, que esteja interessada na formação do aluno e se preocupe com ele”, analisando constantemente o desenvolvimento que o mesmo obteve no decorrer do processo de aprender (CEREJA *et al.*, 2011, p.186).

Algumas vezes, antes de assumirmos uma sala de aula, pensamos na avaliação como uma “prova” com a qual os alunos são submetidos a reproduzir os conteúdos vistos na sala de

aula. Esta avaliação é denominada por Cereja *et al.* (2011) como avaliação tradicional que define o futuro do aluno dentro da escola em um processo classificatório. Ao conviver com os alunos somos capazes de perceber que avaliação supera esse objetivo de classificação.

Com isso, percebemos que avaliação, se bem planejada, é uma ferramenta pedagógica que permite conhecer o aluno, acompanhá-lo e analisar se as práticas de ensino colaboraram para a sua aprendizagem ou se deve haver uma mudança destas práticas. Portanto, o desenvolvimento desta avaliação só será efetivado no momento em que o professor se envolve com a sala de aula, e pratica diariamente este acompanhamento.

Os próprios cursos de licenciaturas reconhecem a importância da participação dos graduandos na escola, geralmente pelas disciplinas de Prática de Ensino e de Estágios Curriculares Supervisionados. As discussões teóricas são de grande importância para esses cursos, mas não proporcionam a orientação de como atuar na sala de aula, por isso a relação com a escola pode contribuir para a formação dos professores, considerando que a prática permite que se coloque em desenvolvimento as ideias formuladas a partir das reflexões propiciadas pela academia. Isso só será possível a partir da experiência, onde o professor já terá um conhecimento sobre os alunos e saberá como proceder em determinadas situações.

A vivência na sala de aula pode oportunizar uma melhor interlocução entre a teoria e a prática e entre a universidade e a escola. Desse modo, o licenciando que já está em exercício profissional, como também os estagiários, leva para a universidade discussões acerca da escola, para que sejam refletidas medidas que possam melhorar o ensino e a aprendizagem. O mesmo estudante pode conceder as suas contribuições à escola por meio dos projetos de intervenções, buscando colaborar com o ensino e aprendizagem dos alunos, por isso os resultados destes projetos devem sempre ser valorizados, principalmente nas aulas de estágios e de prática de ensino, para que sejam compartilhados os resultados e as dificuldades enfrentadas (CAVALCANTI, 2012).

### 3.1 Relato de experiência

Considerando que a formação do professor é uma atividade constante, ela deve ser desenvolvida além do espaço da academia, ou seja, também no seu ambiente de trabalho. Através do envolvimento com a realidade escolar, o docente poderá adquirir constantemente conhecimentos através da experiência que irá gerar o que Tardif (2010) denomina de “saberes experienciais” que são responsáveis por orientar a prática profissional. Para o mencionado autor:

Pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos [...] e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação (TARDIF, 2010, p. 48-49).

Segundo o dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (BECHARA, 2011, p. 563), experiência é “[...] 2. Experimento científico; experimentação, ensaio, teste. 3. Conhecimento obtido ao longo da vida; conhecimento, sabedoria. 4. Conhecimento específico advindo de uma determinada prática [...]”. Por meio da experiência, o profissional observa o seu ambiente de trabalho, analisa e pratica as melhores formas de trabalhar, e desta forma estará construindo conhecimentos que serão relevantes para o exercício de sua profissão.

Contribuindo para esta discussão sobre prática e experiência, Tardif (2010, p.53) acrescenta que:

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (*retroalimentação*) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional.

Acreditamos que a experiência possui grande importância por ser uma aprendizagem que resulta do contato direto entre a pessoa e o objeto/fenômeno que se deseja analisar ou compreender. Nessa concepção, consideramos importantes os registros de experiências vividas, pois podem servir de apoio reflexivo e discursivos para outros professores e pesquisadores.

É importante destacarmos a relevância em registrar as aulas ministradas. Este procedimento facilita o planejamento para os próximos anos letivos e permite que o profissional reflita sobre as metodologias e recursos didáticos utilizados na sala de aula, analisando se favoreceram ou não o ensino e a aprendizagem. Com isso, o professor poderá aprimorar as suas práticas ao longo do tempo e oportunizar que outros profissionais conheçam as suas ações.

Diante dessas considerações, reconhecemos a importância do relato de experiência. De acordo com Tosta *et al.* (2016, p. 62) “os relatos de experiência profissional constituem uma categoria importante na construção de saberes teóricos e, sobretudo, práticos, para a atuação em uma determinada área do conhecimento”. Os autores citados ressaltam que os relatos de experiência têm por objetivo descrever práticas que contribuíram para a formação profissional,

e tais descrições devem ser acompanhadas de reflexões que fundamentem a importância das ações para os envolvidos e para os pesquisadores que irão ler o relato posteriormente.

Visando contribuir para os pesquisadores, professores e estudantes de licenciaturas que pretendem construir conhecimentos sobre o uso da imagem no ensino e na aprendizagem da Geografia escolar, mais adiante será apresentado um relato de experiência acerca das atividades desenvolvidas com alunos de 6º ano do ensino fundamental (turno tarde) da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Dias Guarita, localizada no município de Monte Horebe-PB, durante o ano letivo de 2017, e no próximo capítulo serão abordados os resultados desta experiência. A referida turma de 6º ano de ensino fundamental é composta por 25 alunos com idades entre 11 e 12 anos, sendo 9 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. Destes alunos, 60% residem na área rural do município.

O livro didático<sup>1</sup> que utilizamos durante as atividades que serão relatadas neste trabalho é composto por 9 capítulos, com os quais foram utilizados diferentes recursos didáticos e metodologias de ensino, incluindo a imagem em todos os assuntos, no entanto selecionamos para esta pesquisa três conteúdos com os quais trabalhamos especialmente a imagem como recurso didático mediador do ensino e da aprendizagem da Geografia escolar.

Vale destacar que o livro didático é um importante instrumento de ensino e de aprendizagem, mas não se caracterizou como o único recurso neste processo. É muito importante que o professor não se limite a utilização do mesmo dando total e exclusiva atenção a ele como sendo o único recurso de ensino, pois sabemos que a sala de aula é composta por alunos com distintas realidades, sejam sociais ou individuais, que não conseguem compreender os conteúdos com a mesma rapidez ou facilidade que outros. Por isso é necessário que o professor tenha o planejamento necessário para ser o mediador entre as informações disponibilizadas no livro e o aluno, buscando meios que facilitem o ensino e a aprendizagem, valorizando e relacionando sempre com o conhecimento prévio do discente, e desta forma será mais fácil a assimilação que ele fará entre os conteúdos e o mundo físico e social. É nesta perspectiva que Andrade (1992, p.57) nos diz que:

No ensino da Geografia, como no de qualquer outra disciplina, a importância do livro didático é muito grande, no seu uso, porém, é indispensável que o professor tenha uma posição independente e crítica, não se limitando ao/ou a um livro, é preciso que ele adapte e contemple para os seus alunos as informações e as explicações que o mesmo contém. O professor deve levar em conta que não é autônomo para repetir ou se limitar ao livro, tem que utilizá-lo considerando as peculiaridades das várias turmas

---

<sup>1</sup> SAMPAIO, F. dos S. **Para viver juntos: geografia, 6º ano: anos finais: ensino fundamental**. 4. ed. – São Paulo: Edições SM, 2015.

para às quais leciona, de acordo com o interesse e a capacidade de assimilação das mesmas.

Em concordância com a citação anterior, buscamos pesquisar os conteúdos em outras fontes além do livro didático e planejar aulas que envolvessem diferentes recursos didáticos e metodologias de ensino, para que os alunos se sentissem atraídos para a participação na aula e sentissem mais facilidade em aprender. A partir disso, tivemos distintas maneiras de relacionar os assuntos abordados com o meio em que os alunos vivem e interagem, sempre ouvindo os seus exemplos e considerações sobre a relação que as informações tinham com os acontecimentos e características dos lugares que residem.

Os desenvolvimentos das aulas em relação às metodologias e aos conteúdos foram registrados no diário de classe, que segundo Siqueira (2013, n.p), pode ser entendido como:

[...] um documento oficial da unidade escolar e um instrumento de responsabilidade do professor com a finalidade de registrar e documentar a frequência e o aproveitamento individual do aluno regularmente matriculado. É também, o documento de controle e confirmação do trabalho do professor e dos alunos.

Neste documento foi registrado todos os conteúdos ministrados nas aulas e as metodologias utilizadas, a frequência, as notas e as médias bimestrais dos alunos, além de informações adicionais do estudante, como data de nascimento e se é repetente ou não na série. Todos os registros são devidamente datados e assinados pelo professor.

O espaço disponibilizado para registro das aulas no diário de classe é pequeno, por isso foi utilizada uma agenda pessoal para descrever com mais detalhes o desenvolvimento das aulas, em especial o uso dos recursos didáticos, das metodologias e dos conteúdos e resultados em relação ao ensino e aprendizagem, que serviu de base para redigir o presente trabalho. A seguir serão apresentados os três temas que foram definidos para serem abordados no relato de experiência onde utilizamos a imagem como recurso didático de ensino e aprendizagem.

### 3.1.1 O primeiro tema selecionado – Paisagem

As aulas de Geografia na escola ocorreram três vezes na semana, em consequência disto este tema foi trabalhado durante o mês de março de 2017 totalizando 12 horas/aulas.

Todos os alunos possuíam o livro didático, o que foi um ponto positivo, pois eles se apresentavam mais atenciosos ao acompanhar as explicações, realizar as atividades escritas e analisar as imagens contidas no livro. Concordamos que este recurso didático não deve ser o único recurso de ensino, pois “ele necessita de uma complementação tanto do material escolar



- mapas, atlas, tabelas, fotografias, diagramas etc. - como de material não escolar, informações de revistas e jornais, sobretudo” (ANDRADE, 1992, p. 57). Assim sendo, ao se estudar a paisagem, o livro didático foi complementado com slides contendo imagens, elaboração de desenhos, observação, descrição e análises de imagens impressas.

Como foi mencionado anteriormente, procuramos evidenciar o que os alunos já conheciam sobre o conteúdo e abordá-lo relacionando-o com o local para compreender o global. Portanto, ao discutir que paisagem é tudo aquilo que olhamos em certo momento, composto por elementos sociais – aqueles criados ou modificados pelos seres humanos – e por elementos naturais – aqueles que não sofreram modificações pelo homem, (SAMPAIO, 2015), os alunos foram estimulados a observar o espaço ao seu redor, primeiramente a sala de aula de aula, depois a paisagem vista através das janelas da sala de aula.

Neste momento os alunos observaram estas duas paisagens, e destacaram as principais diferenças entre elas. Acreditamos que esta atividade de observação do meio é uma das principais etapas para estimular os alunos sobre a importância do estudo do tema, pois a partir daí eles percebem que o conteúdo está envolvido com o seu cotidiano.

De início os alunos relataram os elementos sociais e naturais que haviam nas duas paisagens. Em relação a paisagem da sala de aula, eles mencionaram elementos como cadeiras, lousa, mesa, lixeiro, telhado, porta, etc. A paisagem vista pela janela era formada por mais elementos naturais, por isso nos seus cadernos eles citaram elementos como árvores, solo e rochas. Até então acreditamos que os alunos compreenderam a definição de paisagem e as principais diferenças entre os elementos que a compõem, pois conseguiram, de forma satisfatória, listar estes elementos de acordo com os dois locais que foram examinados de início, e durante toda a aula a maioria dos alunos deram exemplos de outros elementos que integram as paisagens próximas a suas residências.

Após esta atividade, os alunos foram motivados a analisar dois cartazes, com as seguintes imagens impressas e ampliadas: uma da Chapada da Diamantina-BA (imagem 2) com predominância de elementos naturais e outra com vista da capital do estado da Paraíba, João Pessoa (imagem 3) com predominância de elementos sociais. Com este procedimento metodológico, os alunos conseguiram identificar em qual dos dois espaços representados nas imagens existe a presença considerável de pessoas, e, portanto, uma maior influência do ser humano nas transformações do espaço e da paisagem. As imagens utilizadas foram as seguintes:

**Imagem 2:** Chapada da Diamantina-BA



**Fonte:** <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/wp-content/uploads/2014/10/chapada1.png>

**Imagem 3:** Cidade de João Pessoa-PB



**Fonte:** <http://oconciergeonline.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Joaopessoa2-696x464.jpeg>

Das discussões e com argumentos dos próprios alunos, obtivemos a seguinte conclusão: a primeira imagem representa um lugar somente com elementos naturais, nela podemos perceber a ausência do ser humano, pois os elementos, como a vegetação e o relevo, não foram alterados para satisfazer as necessidades humanas. A segunda imagem representa um espaço com um grande número de pessoas, pois, provavelmente, havia um ambiente natural que posteriormente foi ocupado e transformado por estas pessoas, podemos perceber isso pela quantidade de prédios que foram construídos, mas também há alguns elementos naturais como a água, areia e a vegetação.

Acreditamos que desenhar é fundamental para estimular a aprendizagem, pois “o indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio” (SANTOS, 2012, p.195), portanto, desperta a criatividade dos alunos que se sentem à vontade para expressar graficamente aquilo que veem na paisagem, e evidentemente há uma estimulação da imaginação que resulta na concretização do conhecimento, pois, ao desenhar, os alunos raciocinam sobre o objetivo do desenho que querem elaborar e os elementos que devem dar maior ênfase nesta elaboração. Com base neste entendimento, foi passada uma atividade extraclasse, que consistiu em observar as paisagens no caminho para casa, e escolher duas - uma com predominância de elementos sociais e outra com predominância de elementos naturais - para desenhá-las e apresentá-las aos colegas na próxima aula.

Os alunos observaram as paisagens próximas as suas residências e realizaram a atividade de elaboração do desenho. Na aula seguinte, as cadeiras da sala foram organizadas em círculo e cada aluno apresentou e explicou seus desenhos. Por ser uma turma com um número considerável de estudantes, foi produzida uma grande diversidade de desenhos de paisagens, onde os mesmos se preocuparam com as cores para dar maior exaltação aos elementos. Houve representações de áreas da zona rural, com plantações, solo exposto, açudes, rochas, animais e casas. Os alunos da zona urbana deram importante ênfase às construções civis, rodovias e veículos.

Foi uma experiência que produziu muitos conhecimentos, tanto individuais, na ação de elaboração de desenhos, como coletiva, no processo de socialização do trabalho. Por ser alunos do mesmo município, eles reconheceram os elementos que o colega evidenciou no seu desenho e construiu uma noção dos lugares que eles não conheciam, mas que seus colegas apresentaram através da atividade.

Santos (2012) nos diz que atualmente a comunicação se concentra muito na linguagem escrita e desconsidera a linguagem visual, o que consiste em atividade errada de desenvolvimento de informação, pois ao desenhar os alunos evidenciaram até mesmo

elementos que não estavam visíveis na paisagem, mas que conseguiram perceber por meio dos outros sentidos, como o vento, raios solares, sons dos pássaros etc.

O próximo objetivo foi que os alunos compreendessem que as paisagens sofrem e refletem mudanças. Após uma explanação sobre a ideia de que a paisagem apresenta a atividade da natureza (como a ação dos rios, do vento, das chuvas, de gelo na modificação do espaço) e do ser humano (processo de ocupação e transformação do espaço), consideramos importante que os alunos fossem estimulados a observar, mais uma vez, o ambiente ao seu entorno para compreender a temática, pois:

Na geografia, a paisagem, como dimensão aparente da realidade, constitui uma dimensão a ser observada inicialmente. A observação direta, por exemplo, de um lugar de vivência do aluno, ou indireta, de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção de conhecimentos referentes ao espaço nela expresso (CAVALCANTI, 2012, p.181).

Em concordância com a citação anterior, os alunos foram instigados a refletir sobre a mudança na paisagem da escola após a construção da quadra de esporte, considerando que próximo a ela há uma vasta área coberta com vegetação nativa. Com as discussões e curiosidades, todos chegaram a uma conclusão: o espaço era formado por elementos naturais, principalmente de árvores e rochas, e o ser humano desmatou para construir a escola, e com isso a paisagem foi alterada de natural para social. Eles relataram muitos exemplos de mudanças de paisagens próximas de suas casas.

Baseado na atividade anterior de introdução ao assunto, aprofundamos o conteúdo com o auxílio de Datashow, com o qual foram expostas diversas imagens representando mudanças na paisagem ocasionadas pela natureza e pelo homem. Essa etapa da aula foi planejada com o objetivo de os alunos perceberem os detalhes nas imagens. Assim, as imagens foram analisadas, a fim de perceber os elementos que transformaram o espaço, e como chegamos a estas conclusões. Foi um momento em que os alunos participaram, tanto com perguntas como com argumentos para explicar os questionamentos sobre o tema.

Para concluir o tema abordado, foi analisada, discutida e respondida a seguinte atividade indicada no livro didático:

A primeira questão solicitava que os alunos desenhassem a paisagem que observavam através da janela da sua casa.

**Comentário sobre o desempenho dos alunos na atividade:** Todos os discentes realizaram a atividade (extraclasse) e apresentaram para os colegas. Houve uma recapitulação da primeira atividade, onde os mesmos praticaram sua capacidade gráfica, reforçaram os conhecimentos

construídos através do desenho e possibilitaram informações aos colegas sobre lugares que, possivelmente, estes não conheciam.

A segunda pergunta foi: você já percebeu como as paisagens se modificam com o tempo? Converse com adultos de sua família sobre as mudanças ocorridas ao longo dos anos na paisagem do lugar onde você mora. Depois, escreva um texto no caderno relatando o que você descobriu.<sup>2</sup>

**Comentário sobre o desempenho dos alunos na atividade:** Esta atividade de pesquisa se desenvolveu de forma satisfatória, onde os discentes aparentavam-se motivados pela curiosidade. Os mesmos trouxeram informações coletadas em conversas com os familiares, e também através da própria observação. Apresentaram textos com bastantes exemplos de modificações da paisagem de lugares que foram desmatadas para construção de casas, de cercados para os animais, jardins, entre outros. Evidenciaram também informações que eles não conheciam, como áreas que foram transformadas para construção de açudes antigos, praças, igrejas e casas antigas.

O terceiro item indagou: Observe com atenção as imagens da enseada de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, no fim do século XIX (Imagem 4) e no início do século XXI (Imagem 5). Descreva a paisagem mostrada em cada imagem. Que modificações ocorreram com o passar do tempo? O que permaneceu? Levante hipóteses sobre as causas dessas transformações.<sup>3</sup>

**Comentário sobre o desempenho dos alunos na atividade:** Os alunos descreveram minuciosamente os elementos que formam as duas paisagens. Foi um momento em que toda a sala de aula interagiu no debate, e chegamos à conclusão de que houve a expansão do número de casas e edifícios sobre a orla e o Pão de Açúcar. Outros elementos continuaram presentes na paisagem, como a praia e os morros. A principal hipótese levantada para explicar estas transformações foi a atividade humana praticada para ocupar o espaço com o objetivo de suprir as suas necessidades (construção de casas, rodovias, praças, igrejas, escolas, entre outros), e desta forma mudando a paisagem.

---

<sup>2</sup> Esta questão consta na atividade da página 13 do referido livro didático.

<sup>3</sup> Esta questão consta na atividade da página 13 do referido livro didático.



**Imagem 4:** Enseada de Botafogo (1885)



Fonte: SAMPAIO, 2015, p.13.

**Imagem 5:** Enseada de Botafogo (2007)



Fonte: SAMPAIO, 2015, p.13.

Esta atividade foi bastante expressiva para o entendimento de que a paisagem é uma aparência da realidade repleta de significados, e por isso nos fornece informações que estão

invisíveis aos nossos olhos, como por exemplo o trabalho humano por trás das construções, assim como a ação da natureza que resultou nos morros e nas formações das nuvens, por exemplo.

Com isso, eles tiveram a oportunidade de perceber que através da observação da paisagem, tanto direta quanto indireta (por meio de imagem) podemos coletar informações para entender como o espaço foi mudado, ocupado e organizado pela sociedade ao longo do tempo, permitindo conhecer o seu modo de vida, e como a natureza pode mudar a paisagem de um lugar, portanto uma importante atividade para estudar a Geografia.

### 3.1.2 O segundo tema selecionado – Representações Cartográficas

Este tema foi trabalhado durante o mês de maio do ano de 2017, dando sequência ao conteúdo referente a orientação e localização, onde envolveu os assuntos relacionados aos pontos cardeais, colaterais, subcolaterais<sup>4</sup>, rosa dos ventos, GPS<sup>5</sup>, bússola, sistemas de coordenadas e as linhas imaginárias. Vale salientar que para o ensino destas temáticas foram utilizadas outras metodologias e recurso didático que foge dos objetivos deste trabalho, portanto daremos ênfase ao uso da imagem apenas no ensino e estudo das representações cartográficas que são “recursos importantes para registrar e transmitir informações sobre os lugares, paisagens e espaço geográfico” (SAMPAIO, 2015).

Os temas anteriores, orientação e localização, tiveram grande importância para o ensino e para a aprendizagem das representações cartográficas. Como sabemos, existem várias maneiras de representar o planeta Terra, mas as principais representações cartográficas abordadas nos livros didáticos são croquis, plantas e mapas, e foram justamente estas representações que trabalhamos em sala de aula, com a contribuição fornecida pelo estudo dos temas relacionado à orientação e à localização.

Segundo as autoras Almeida e Passini (2011), a criança começa a desenvolver a noção de espaço antes de frequentar a escola, mas é na escola que ela precisa aprofundar este entendimento sobre espacialidade e sobre as formas que a sociedade utilizou para planejar o seu espaço. Para que o aluno inicie a compreensão sobre a organização social do espaço, é necessário que haja um ensino pautado nas representações cartográficas. Isto posto, iniciamos com o ensino sobre mapas.

O mapa nos permite observar de maneira instantânea, no papel, acontecimentos e

---

<sup>4</sup> Estão localizados entre os pontos cardeais e os colaterais e servem para oferecer orientações mais precisas.

<sup>5</sup> *Global position system* (sistema de posição global)

características de determinados espaços que não poderíamos analisar de outra maneira devido à dificuldade de acesso a certos lugares e quantidade de tempo que gastaríamos até encontrá-los. Por exemplo, em um mapa podemos observar um país inteiro e os seus principais rios. Seria complicado realizar esta observação de forma direta, devido à extensão territorial e tempo que seria necessário, por isso o mapa é um importante instrumento de trabalho, de ensino e de estudo na Geografia.

Concordamos que “o mapa funciona como um sistema de signos que lhe permite usar um recurso externo à sua memória, com alto poder de representação e sintetização” (ALMEIDA; PASSINI, 2011, p.13). Por isso a leitura e compreensão de mapa, nas nossas aulas, iniciaram-se com a análise dos elementos que os compõe, pois através deles podemos coletar as informações disponibilizadas nesta representação cartográfica. São eles: título, orientação, legenda, fonte e escala. Por meio desses elementos os alunos puderam compreender as informações contidas nos mapas estudados.

Acreditamos que para ensinar a ler e compreender este recurso visual – mapa – é necessário pensar uma maneira de os alunos compreenderem os símbolos, e a partir desta etapa eles conseguirão analisar todos os tipos de mapas. Para o ensino deste assunto utilizamos diversos mapas temáticos, contidos em livros da biblioteca da escola e também mapas pesquisados em *sites*. Para a discussão neste trabalho, tomaremos como base o seguinte mapa temático (imagem 6) que é apresentado no livro didático.

**Imagem 6:** Vegetação nativa do Brasil



Fonte: SAMPAIO, 2015, p.60.



A maneira desenvolvida para interpretar o mapa apresentado anteriormente seguiu as seguintes etapas, respectivamente:

- a) Observamos o título, no qual consta a área trabalhada e o tema abordado. Nesta etapa os alunos já iniciam o processo de conhecimento do que o mapa está retratando;
- b) Realizamos a leitura da fonte, com a qual os alunos puderam perceber a origem do mapa e o ano que foi elaborado;
- c) Houve a visualização da rosa dos ventos que serve para a orientação no mapa. A partir dela os alunos praticaram o que compreenderam sobre os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais e localização, discutindo em qual direção estão os estados em relação aos outros;
- d) Analisamos a escala, com a qual permitiu aos alunos terem uma noção da redução do terreno para que os elaboradores conseguissem representá-los em um papel;
- e) Por fim, estudamos a legenda, que se destacou como um dos principais elementos de compreensão do mapa. Com a legenda, foi possível ensinar e discutir com os alunos as áreas em que havia determinada vegetação nativa, e por meio dela foi iniciada uma pesquisa em sala de aula, onde a sala foi organizada em duplas e os alunos pesquisaram em outros livros mapas temáticos e explicaram aos colegas o que estes recursos representavam.

Como podemos perceber este mapa não traz o nome dos estados, por isso, sua análise foi complementada através da consulta a um mapa político do Brasil.

Esta etapa foi muito importante para o ensino sobre mapas, a pesquisa em outros livros foi motivada pela curiosidade e vontade que os alunos tiveram de interpretar e apresentar os mapas para os colegas. O mapa anteriormente exposto (Vegetação nativa do Brasil) foi utilizado em outras aulas sobre climas do Brasil, onde associamos o mapa da vegetação brasileira com outro que representava os climas do país, sendo possível uma discussão sobre as relações existentes entre as características climáticas com as características da vegetação de determinada região.

Ao observar no mapa, por exemplo, que a Região Norte é cortada pela Linha do Equador e o que por esse motivo a região possui elevadas temperaturas e altos índices de chuva, é possível compreender a relação existente entre o clima equatorial e a Floresta Amazônica. Estas relações trouxeram muitos benefícios para o ensino, pois os alunos estavam aprendendo pouco a pouco a associar mapas temáticos, e aprender sobre assuntos da Geografia apenas com a interpretação desta representação cartográfica.

Posteriormente, trabalhamos a representação cartográfica planta e croqui. Na Cartografia, planta corresponde a representação de uma área pequena, portanto com a escala grande<sup>6</sup>. Para este ensino, iniciamos o processo de elaboração de plantas, sempre visando à compreensão do conteúdo e participação nas aulas por parte dos alunos. Neste momento, desenhamos a planta da sala de aula dando ênfase à localização de cada objeto da sala.

Como atividade extraclasse, os alunos foram orientados a desenhar a planta do seu quarto de dormir em um papel, enfatizando detalhes como a localização dos principais objetos contidos nele e, com a ajuda de um adulto, verificar o tamanho do cômodo para compreenderem a ideia de escala.

A próxima aula consistiu em os alunos apresentarem seus desenhos para os colegas. Foi uma aula muito importante para elaboração de imagem como forma de ensino e de aprendizagem sobre planta, pois eles não viram a planta apenas como uma ilustração, mas sim como uma representação de áreas que eles conhecem e que também têm a capacidade de retratar.

Para conclusão do conteúdo, exploramos a representação do espaço por meio do croqui. O livro didático que utilizamos para o ensino apresenta a seguinte definição de croqui:

Croquis são desenhos simplificados, elaborados sem preocupação com a escala. Geralmente, são feitos à mão livre. Apesar de não terem o rigor dos mapas e das plantas, eles são muito úteis por apresentarem as principais informações do que é representado. Ou seja, todas as informações de que o leitor precisa para resolver algum problema imediato. São bastante utilizados no dia a dia, servindo a inúmeras funções, como explicar a localização de um imóvel ou dar orientações de um percurso a uma pessoa. São exemplos de croquis os mapas usados em brincadeiras de caça ao tesouro; os rascunhos que fazemos de um trajeto para orientar uma pessoa de um ponto a outro; as plantas de imóveis apresentadas em folhetos de propaganda.<sup>7</sup>

Como metodologia de ensino, após o estudo teórico, os alunos foram orientados a produzir o croqui do caminho que percorrem desde a sua casa até a escola, dando ênfase as direções que seguiam e aos pontos de referência, nomeando as ruas. Foi uma aula que envolveu muito entusiasmo e dedicação, pois todos os alunos desejavam mostrar seu trabalho, e eles demonstravam perceber que os conteúdos se relacionavam com o dia a dia. Esta atividade propicia a prática da capacidade gráfica do aluno através da criatividade no ato de desenhar. Ao elaborar um croqui, o aluno passa a estruturar sua noção de espacialidade, refletindo sobre o

---

<sup>6</sup> **Noções Básicas de Cartografia.** Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoos/representacao.html](https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/representacao.html) Acesso em: 15 de fev. de 2018.

<sup>7</sup> SAMPAIO, F. dos S. **Para viver juntos: geografia, 6º ano: anos finais: ensino fundamental.** 4. ed. – São Paulo: Edições SM, 2015, p. 54.

seu espaço vivido antes de representá-lo, além de colocar em prática seus conhecimentos sobre orientação e localização.

Acreditamos que os discentes compreenderam sobre a necessidade de proporcionalidade, uma vez que viram que é possível e fundamental reduzir o espaço para representá-lo em um papel, e a partir disto entenderam o processo de mapeamento e escala. Sobre esta reflexão, Castellar e Vilhena (2011, p. 24) nos dizem que:

Ao se apropriar de um conceito, como, por exemplo, o de localização, a criança desenhará nos trajetos os locais mais familiares utilizando símbolos, cores e sinais; assim, ao ler uma planta cartográfica, ela poderá relacionar e compreender os conceitos de localização e pontos de referência. Dessa maneira, ela compreende a função social que uma representação cartográfica possui. É nesse momento que afirmamos que o uso da linguagem cartográfica é mais que uma técnica, na medida em que implica envolver ações do cotidiano.

Diante destas considerações, os alunos tiveram condições de compreender que a análise de mapas, plantas e croquis são formas de visualizar um espaço e obter informações sobre ele, e a elaboração dessas representações cartográficas apareceu como meios de os alunos lerem e compreenderem os fenômenos sociais, percebendo o quanto estes instrumentos são importantes para a sociedade.

### 3.1.3 O terceiro tema selecionado – Biosfera

Este conteúdo foi trabalhado durante o mês de agosto de 2017, sendo posterior ao assunto referente a climas. Portanto, os alunos já possuíam um entendimento sobre a influência que o clima tem sobre a vegetação.

O livro didático introduz este capítulo com uma página expondo uma imagem que apresenta uma plantação de cacto palma e uma residência em meio à Caatinga (imagem 7), e uma atividade que questiona sobre os elementos naturais presentes na imagem, como o ser humano pode utilizá-los e quais os motivos que levam a praticar o desmatamento destas áreas. Realizamos o ensino a partir desta imagem e debatemos as questões, sempre atentando para os detalhes expostos nela para construir o conhecimento.

**Imagem 7:** Residência e plantação de cacto palma em meio à Caatinga



**Fonte:** SAMPAIO, 2015, p.198.

O restante do capítulo apresenta os grandes biomas terrestres, destacando as florestas pluviais<sup>8</sup>, savanas, campos, desertos, florestas temperadas e tundra, onde os textos são acompanhados de imagens. Ao observar as imagens referentes a cada bioma, orientamos os alunos a descrevê-las, a fim de coletar o máximo de informações contidas nelas e perceber as características dos vegetais, do solo e da umidade. Em seguida, fizemos uma associação entre as características dos vegetais com o clima de cada região. Para isso, usamos imagens de outros livros didáticos e mapas dos climas e biomas do mundo.

É necessária a dedicação para a análise da imagem como meio de interpretação e não apenas como ilustração da linguagem escrita, devendo ser vista com um recurso adicional às aulas de Geografia, relacionando-a sempre com o conteúdo. Conseqüentemente, este recurso passará a ter significados para o estudo, e facilitará a compreensão do assunto trabalhado. Por essa razão, em todos os momentos das aulas houve uma associação das imagens com o texto escrito para que os alunos se atentassem para os temas que estávamos abordando. Dessa forma:

O uso da imagem deve ser o ponto de partida para a análise de um fenômeno que se quer estudar em geografia, ou seja, que esteja associado ao conteúdo. Dessa maneira

---

<sup>8</sup> Estão presentes nas regiões quentes e úmidas da Terra, onde a temperatura e pluviosidade são altas durante todo o ano. São denominadas também de florestas tropicais e equatoriais (SAMPAIO, 2015).

o aluno será estimulado a fazer observações, a levantar hipóteses em face do tema abordado (CASTELLAR; VILHENA, 2011, p. 81).

Após o estudo desses assuntos, sentimos a necessidade de aprofundar o ensino sobre a vegetação que está presente nos locais em que os alunos vivem. Portanto, pesquisamos em outras fontes informações sobre a Caatinga, enfatizando as espécies vegetais e a necessidade de sua preservação e sua relação com o clima, comparando também paisagens para o ensino em sala de aula.

Concordamos com Santos e Chiapetti (2011, p.169) quando nos dizem que “a fotografia torna-se também uma poderosa ferramenta de auxílio no ensino de Geografia, pois é de fácil manuseio e obtenção”. Assim sendo, de início, dividimos a turma em grupos e entregamos fotografias de locais que se assemelham à região que os alunos residem.

Primeiramente, analisamos estas fotografias, evidenciando as principais características, como perfil físico das plantas e o solo em que estavam os vegetais, e os motivos climáticos que causam estas características nas plantas. A partir disso, eles puderam relacionar os conteúdos vistos em sala de aula com o espaço em que estão inseridos, resultando em discussões e interações bastante proveitosas.

Consideramos importante o ensino com a utilização da imagem para que o aluno se sinta atraído e curioso pelo conteúdo e assim inicie o processo de construção do conhecimento ao observá-la, conforme enunciam Zatta e Aguiar (2009, p. 8):

[...] o trabalho com imagens pode ser muito útil como forma de ensinar como se produz leitura através do olhar. [...] sendo ponto de partida para atividades de observação e descrição. Feita essa identificação parte-se para pesquisas que instiguem e levantem os aspectos históricos, econômicos, sociais, culturais, naturais da paisagem em estudo.

Com base nesta concepção, partimos para a pesquisa que consistiu em trabalhar o conteúdo por meio de texto escrito, e para isto selecionamos uma matéria disponível na internet que foi impressa e cedida a cada aluno e anexada em seus cadernos. A base teórica serviu para que os alunos compreendessem características gerais da Caatinga como propriedades naturais que permitem a sobrevivência de plantas e animais aos longos períodos de seca, e impactos causados pela exploração inadequada.

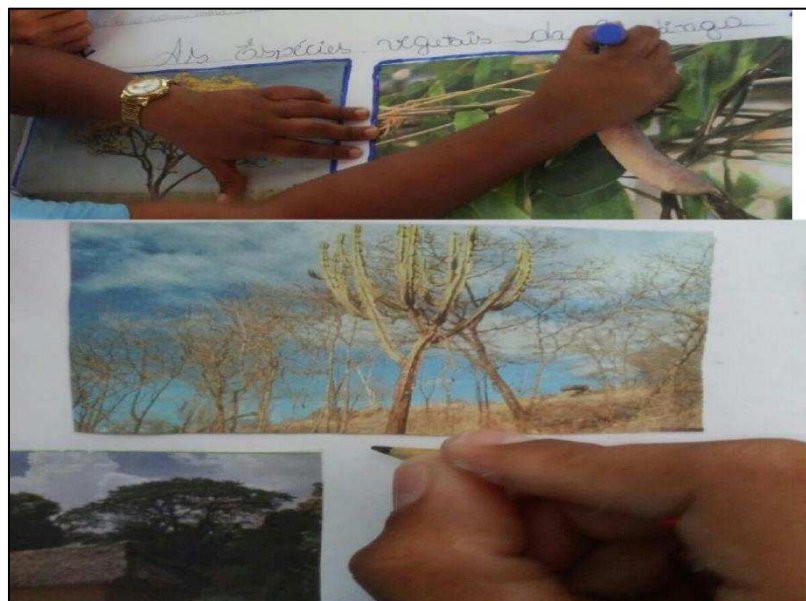
Em seguida, selecionamos dois assuntos sobre a Caatinga – flora e impactos causados pelo desmatamento dando ênfase a preservação – e dividimos a turma em dois grupos, cada qual com a responsabilidade de pesquisar em revistas, jornais, internet e outros livros imagens que retratassem sobre a sua respectiva temática para apresentação e confecção de um mural.

Antes de iniciarmos a confecção do mural, fizemos uma roda de conversa sobre as paisagens da Caatinga. Refletimos sobre as imagens que geralmente aparecem nos livros, televisão e revistas, onde retratam a Caatinga como um lugar sempre seco “sem vida”. Com isso, discutimos com os alunos a importância de se pesquisar sobre os assuntos antes de propagar informações, pois geralmente as pessoas demonstram em imagens somente aquilo que querem retratar para atrair a atenção dos leitores. Estas discussões são importantes para que o aluno interprete as imagens e construa novas opiniões e formas de atuar na sociedade.

No mesmo dia da aula evidenciada anteriormente, fizemos uso de duas imagens da Caatinga: uma com a vegetação antes do período de chuvas e outra após o período de chuvas, evidenciando as mudanças que as plantas sofrem. O objetivo foi desenvolver a reflexão sobre o assunto, realizando a observação sobre as paisagens apresentadas pelas imagens, e descobrir detalhes que facilitaram sua compreensão, mas que não foram apresentados no texto trabalhado anteriormente, e compará-las para perceber as mudanças que as plantas sofrem quando chega o período chuvoso.

Na aula dedicada à construção do mural, a turma foi dividida nos respectivos grupos para a confecção do trabalho. Ambos os grupos trouxeram muitas imagens, tanto imagens retiradas de livros, como de revistas e internet. Distribuímos os recursos didáticos necessários, como papel, lápis, pincéis coloridos, cola e tesoura e auxiliamos no desenvolvimento da atividade. Os alunos se empenharam no trabalho, transformando a aula em um momento de criatividade, diversão e conhecimento (imagem 8).

**Imagem 8:** Alunos elaborando o mural com as imagens



**Fonte:** Acervo pessoal, 2017.

A aula seguinte foi destinada às apresentações e explicações sobre o conteúdo. Os alunos estavam entusiasmados para apresentar seus trabalhos e já possuíam uma compreensão sobre o seu tema, pois já havíamos debatido em momentos anteriores.

O grupo responsável pelo trabalho referente às espécies de plantas da Caatinga expôs muitas imagens de plantas que temos a oportunidade de vermos todos os dias, e outras que a maioria da turma não conhecia. No momento da apresentação os membros dos grupos deram bastante ênfase às propriedades que as plantas possuem para resistirem aos períodos de seca, como a função de armazenar água no caule e raiz e outras formas de se adaptarem ao ambiente, além disso, empenharam-se em apresentar o nome de cada planta.

O próximo grupo trouxe imagens de áreas desmatadas pelo homem, enfatizando os impactos gerados na fauna e flora, com o objetivo de enaltecer a importância de preservarmos a Caatinga. Eles apresentaram imagens de áreas sem plantas e destacaram informações que havíamos debatido em outras aulas sobre o fato da necessidade do solo ser recoberto por vegetação, para que não haja o processo de erosão que, conseqüentemente, pode tornar o solo infértil e com menos capacidade de armazenar água. Concluíram mostrando imagens de áreas que o ser humano realiza o manejo de forma correta sem agredir o meio ambiente, ressaltando a importância para proteger a Caatinga da perda de espécies animais e vegetais.

Por meio das imagens, confiamos que os alunos conseguiram compreender as principais características da Caatinga, e através delas aprenderam a observar as paisagens que os circundam e que são fundamentais para a construção do conhecimento sobre o seu espaço vivido. E com o auxílio de fotografias de áreas desmatadas, os alunos tiveram a oportunidade de perceber a importância de preservar a natureza para a proteção de espécies vegetais e animais.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante todo o processo de ensino com imagens percebemos que os alunos tinham maior facilidade em compreender os assuntos abordados, pois conseguiam enxergar o conteúdo e associá-lo com outros temas relacionados ao estudo.

É importante lembrar que consideramos o livro didático um importante recurso metodológico, mas que é necessário que o mesmo seja complementado com outros recursos, principalmente porque ele não oferece uma abordagem intrinsecamente relacionada a realidade de todos os alunos de uma região ou país, por isso houve a preocupação em desenvolver as aulas com metodologias e recursos de ensino que permitissem esta aproximação dos conteúdos da Geografia com o cotidiano do aluno, pois “para ensinar e aprender um conhecimento novo é necessário que ele se estabeleça em seu próprio cotidiano, fazendo relação com os elementos do seu meio” (CEREJA *et al.*, p.186, 2011).

No primeiro tema selecionado – paisagem (subtítulo 3.1.1) os alunos observaram o espaço que os circundavam, constituindo um momento de análise e de compressão sobre o assunto que iríamos estudar.

Ao analisar as duas imagens que representam a paisagem da Chapada da Diamantina-BA e de João Pessoa-PB, respectivamente, visávamos demonstrar como a ação do homem pode transformar a paisagem e perceber os motivos que levam as pessoas a realizarem estas mudanças no espaço. A partir dos debates em sala de aula, os alunos conseguiram compreender as principais diferenças entre as imagens e perceberam que o homem modifica o relevo e devasta vegetações para melhorar seu conforto e desta forma transforma as paisagens. Eles conseguiram alcançar esta conclusão ao destacarem a presença da vegetação próxima a praia, afirmando que a área coberta por esta vegetação deveria ser mais extensa antes das construções civis.

Nosso próximo objetivo consistiu que os alunos trouxessem para a sala de aula imagens das paisagens que observam diariamente para que os colegas conhecessem os lugares evidenciados. Como consideramos o ato de desenhar uma importante maneira de estimular a aprendizagem por meio da criatividade, orientamo-los a desenhar uma paisagem com predominância de elementos naturais (imagens 9, 10, 11 e 12) e outra com predominância de elementos sociais (imagens 13, 14 e 15). Com esta atividade, os discentes praticaram sua capacidade gráfica através do desenho e observaram paisagens representadas pelos desenhos dos colegas. A seguir serão expostas alguns destes desenhos.



**Imagem 9:** Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais



**Fonte:** Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

**Imagem 10:** Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais



**Fonte:** Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

**Imagem 11:** Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais



**Fonte:** Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

**Imagem 12:** Desenho de paisagem com predominância de elementos naturais



**Fonte:** Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

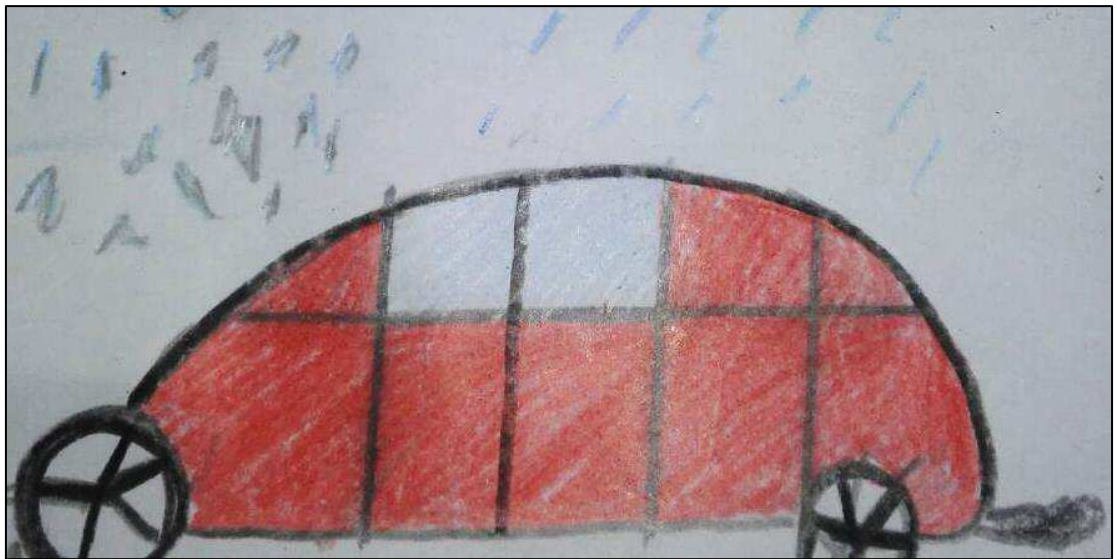


**Imagens 13 e 14:** Desenhos de paisagens com predominância de elementos sociais



**Fonte:** Estudantes do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

**Imagem 15:** Desenho de paisagem com predominância de elementos sociais



**Fonte:** Estudante do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

A partir da exposição dos desenhos, os alunos puderam perceber as diferenças e semelhanças entre as paisagens da área rural e da área urbana do seu município, e conseguiram compreender como a efetiva ação do ser humano pode modificar a paisagem em pouco tempo. Desta forma alcançamos o objetivo referente a compreensão de que as paisagens sofrem mudanças, tanto mudanças ocasionadas pelo homem quanto pela natureza.

Considerando a importância da tecnologia para as aulas, utilizamos o Datashow por ser um recurso que permite maior rapidez na exposição das imagens. Com o auxílio desse recurso tecnológico, conseguimos, coletivamente, analisar os elementos que modificaram a paisagem e discutir quais as características e detalhes fundamentaram nossas conclusões. Lembrando que é necessária a intervenção do professor no processo de aprendizagem, pois assim como a imagem, a tecnologia não substitui o ser humano em seu processo de reflexão, por isso todas as discussões foram orientadas.

Para concluir o conteúdo, obtivemos bons êxitos no exercício escrito, com o qual, após o estudo com as imagens, os alunos tiveram facilidade em observarem as áreas próximas as suas casas e compreender que elas sofreram mudanças. Com estas atividades, os alunos puderam analisar outras imagens, como as duas fotografias do Rio de Janeiro-RJ, destacando os elementos necessário para formular as duas conclusões, afirmando que a principal mudança de transformação deste espaço se deu através da expansão de casas e prédios para suprir as necessidades da sociedade.

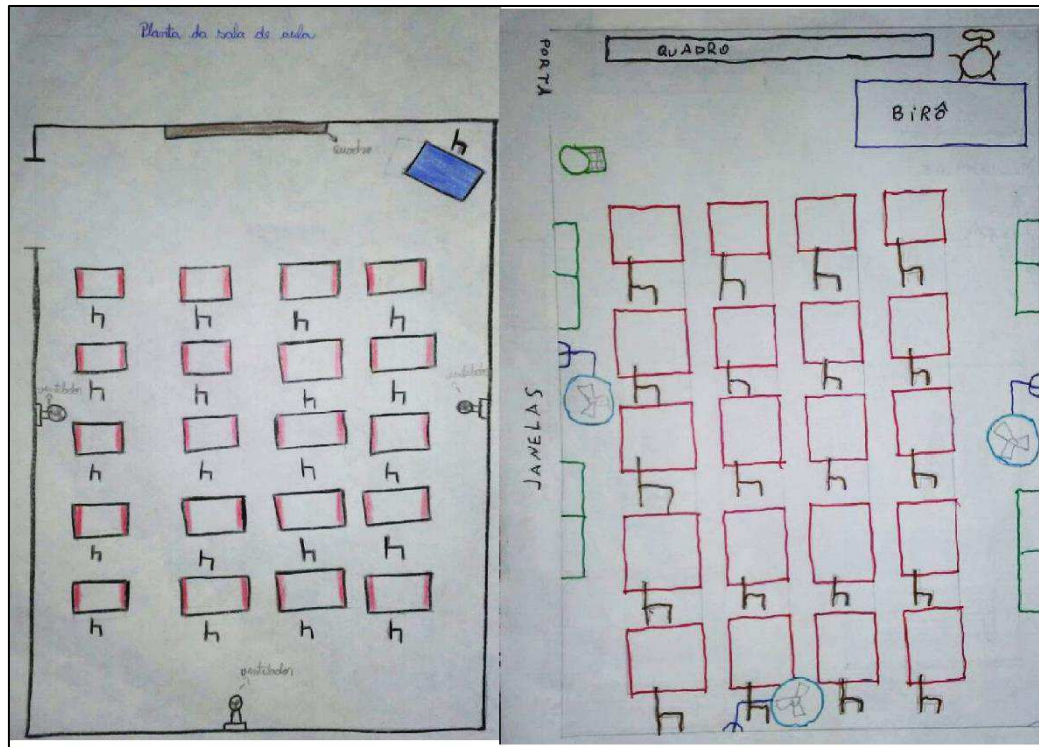
Em suma, podemos afirmar que as metas em relação ao estudo da paisagem através do ensino com as imagens foram alcançadas, pois os alunos compreenderam que ao observar uma paisagem ou imagem que retrate uma paisagem podemos coletar informações necessárias para a compreender como o espaço foi modificado ao longo do tempo, seja pela necessidade humana ou pela ação da natureza.

No conteúdo sobre representações cartográficas (subtítulo 3.1.2), iniciamos o ensino com o estudo do mapa, considerando que é uma importante forma de representar o planeta e de visualizar no papel áreas extensas e distantes, as quais teríamos dificuldade em estudarmos diretamente. O primeiro propósito foi compreender a função de cada elemento do mapa para que em seguida conseguíssemos compreendê-los. Foi uma aula importante para que conseguissem perceber a importância de ler o título, legenda e demais elementos do mapa para compreender o assunto abordado, e desta forma interpretar os demais tipos de mapas. Após o estudo, os alunos demonstraram a sua aprendizagem quando pesquisaram mapas temáticos em outros livros e explicaram aos colegas os assuntos abordados nos mapas. Tivemos êxitos também ao perceber que os alunos conseguiram associar os conteúdos abordados no mapa com os textos escritos.

Na aula destinada ao ensino de plantas e croqui, visando praticar o conhecimento construído sobre localização e orientação e também a criatividade e a participação dos alunos nas aulas, os mesmos elaboraram a planta da sala de aula (imagens 16,17, 18 e 19) e a planta dos seus quartos de dormir (imagens 20, 21, 22 e 23), dando ênfase à localização dos principais

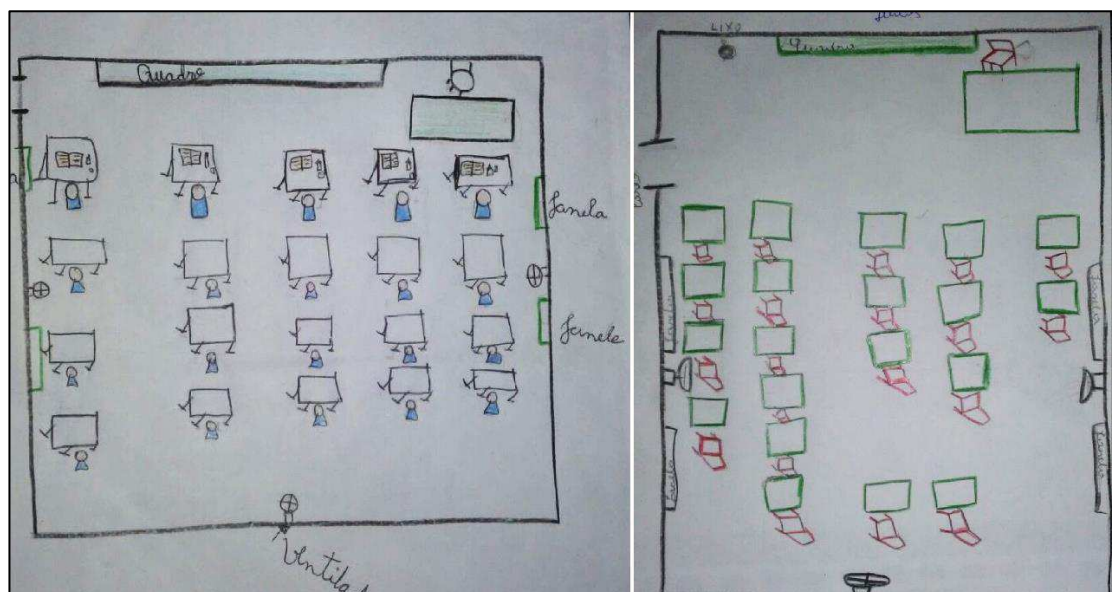
objetos destes dois espaços. A atividade fortaleceu a noção de redução do terreno para a representação no papel. Algumas destas plantas elaboradas pelos alunos serão apresentadas a seguir.

**Imagens 16 e 17:** Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos



**Fonte:** Estudantes do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

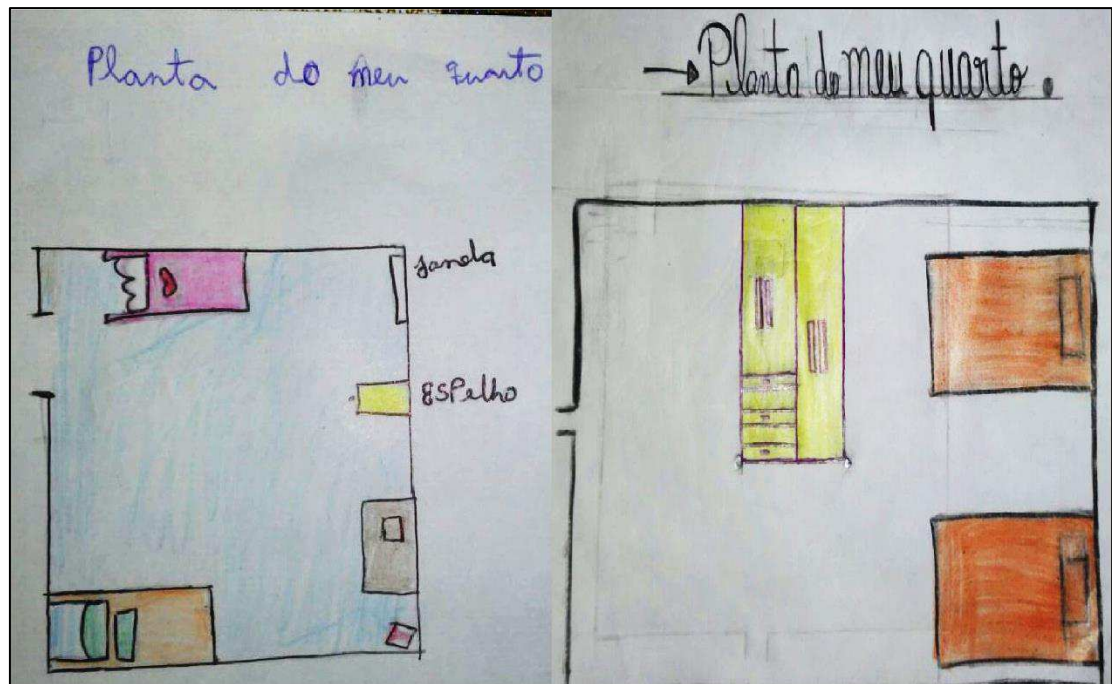
**Imagens 18 e 19:** Plantas da sala de aula desenhadas pelos alunos



**Fonte:** Estudantes do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

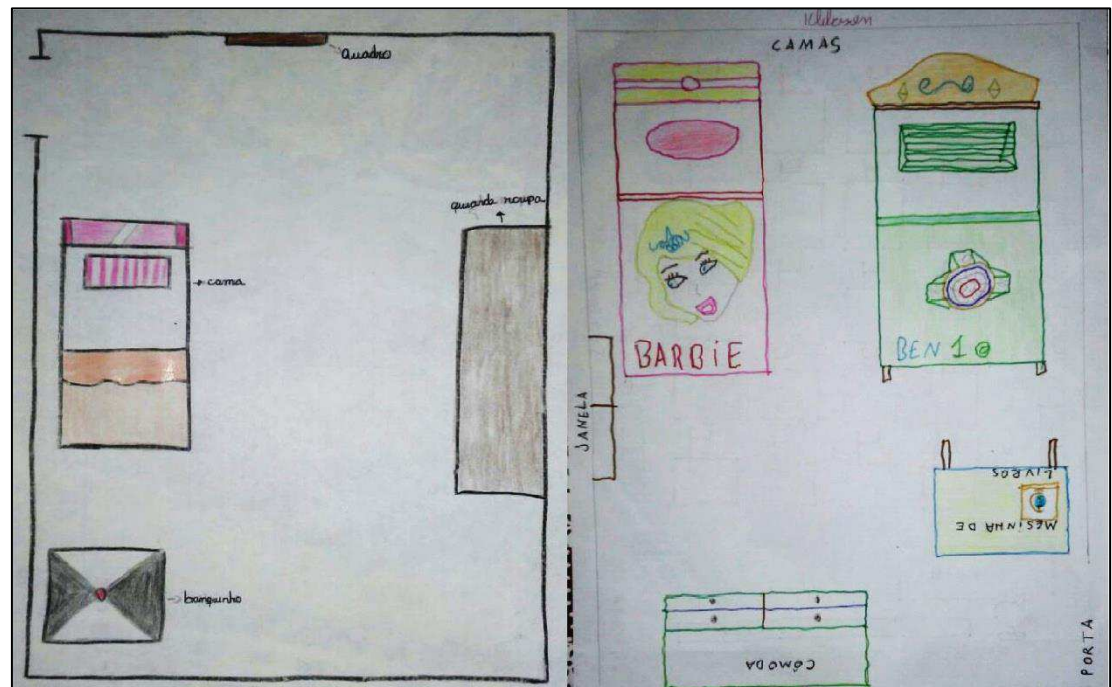


**Imagens 20 e 21:** Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos



**Fonte:** Estudantes do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

**Imagens 22 e 23:** Plantas dos quartos de dormir desenhadas pelos alunos



**Fonte:** Estudantes do 6º ano do ensino fundamental, 2017.

O croqui também estimulou a capacidade gráfica dos alunos, onde refletiram que o seu espaço vivido pode ser evidenciado em todas as representações cartográficas e que elas trazem









Dizem-nos Castellar e Vilhena (2011) que os alunos compreendem os conceitos quando sabem aplicá-los no seu cotidiano. E a pesquisa de imagens sobre a Caatinga consistiu em uma atividade que permitiu o desenvolvimento da aprendizagem, pois os alunos conseguiram enxergar no seu espaço vivido as características que deveriam evidenciar na pesquisa.

Ao apresentar as duas imagens sobre a Caatinga, demonstrando a mudança de características físicas que as plantas sofrem no período de chuvas, os alunos perceberam a importância de se pesquisar antes de acreditar nas informações propagadas pelos meios de informações, onde na maioria das vezes relatam que a Caatinga é um local que abrange plantas que permanecem sempre secas, apresentando apenas fotografias da vegetação nos períodos em que não chove, e não enfatizam as propriedades de resistência à seca. Eles puderam relacionar o texto escrito com as imagens.

No momento das apresentações, os dois grupos apresentaram diversas imagens que serviram de base para que os colegas de turma conhecessem lugares que não tiveram oportunidade de visitar. Então, a imagem serviu de suporte para o estudo do meio relacionado à natureza – espécies vegetais – e à ação do ser humano – desmatamento e preservação, com a qual os alunos passaram a observar a paisagem com “outros olhos”, pois já possuíam informações e conhecimentos necessários para orientar suas análises sobre a temática.

Em síntese, notamos que os objetivos traçados para o ensino da biosfera foram alcançados, pois os alunos demonstraram a aprendizagem construída por meios das atividades e debates orientados pela imagem, e conseguiram compreender o meio que estão inseridos no que se refere a Caatinga. Através da imagem perceberam a importância de ser preservar o meio ambiente e desta forma contribuir para mantê-lo equilibrado.

Podemos afirmar que as metodologias e uso dos recursos foram bem planejados no sentido de abordar os conteúdos previstos no tempo de duração da aula e propiciaram debates favoráveis à aprendizagem de todos os envolvidos (professor e alunos).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito principal deste trabalho foi discutir sobre a importância da imagem no ensino da Geografia escolar, especialmente no ensino fundamental, como meio de proporcionar a aprendizagem.

Como vimos no decorrer da monografia, a imagem está presente no cotidiano de quase todas as pessoas e ela fornece diversas informações que podem ser trabalhadas nas aulas de Geografia, cabendo ao professor planejar o seu uso de forma que facilite a aprendizagem dos alunos.

Desse modo, trabalhar com a imagem foi uma forma de complementar o livro didático com outro recurso tão importante quanto ele, sendo possível adicionar assuntos referentes ao espaço vivido dos alunos e que comumente não estão presentes nos livros didáticos. Assim, contribuimos para que os alunos compreendessem o espaço local em busca do entendimento global.

Apresentamos um relato de experiência no qual consta de forma sucinta como a imagem foi utilizada no ensino três conteúdos da Geografia escolar no 6º ano do ensino fundamental, demonstrando a participação dos alunos nas atividades. É importante ressaltarmos que não se tratam de receitas prontas, pois cabe ao professor planejar as aulas de acordo com o perfil dos alunos e dos lugares que vivem, no entanto acreditamos que servirá de motivação para que outros professores possam introduzir a imagem nas suas práticas de ensino.

Buscamos e conseguimos envolver os alunos nas discussões das aulas, pois consideramos eles os sujeitos principais da escola e que possuem muitos conhecimentos que devem ser valorizados em sala de aula para que possam interagir neste ambiente e fora dele. Os alunos demonstraram perceber através das atividades que a imagem fornece informações necessárias para compreendermos as características e transformações ocorridas nos lugares e como a sociedade pode utilizá-la para se comunicar e se organizar.

Através da experiência adquirida durante as aulas ministradas, podemos concluir que a imagem é um recurso fundamental para a formação de um cidadão crítico, pois é possível estimular os alunos a observarem e refletirem sobre o seu cotidiano, a fim de formularem as suas próprias opiniões, sempre estando aptos a questionarem sobre as imagens que os meios de comunicação propagam.

Indiscutivelmente, a experiência adquirida e os resultados obtidos e demonstrados neste trabalho foram de grande significância para a formação acadêmica. Contribuiu grandemente para a construção de saberes que envolvem a teoria e a prática e na consideração da vivência

escolar como oportunidade de o formando conhecer e interagir no seu futuro campo de trabalho, observando o quão é importante nos dedicarmos para melhorar cada vez mais as aulas, fazendo-nos refletir que não é uma escola repleta de recursos didáticos e/ou tecnológicos que faz um ensino de qualidade, e sim o modo com utilizamo-los no processo de ensino e de aprendizagem.

Com as discussões e exposições das análises e resultados, desejamos que este trabalho sirva de motivação para que os professores de Geografia escolar reflitam sobre a importância de complementar o livro didático com outros recursos didáticos, em especial a imagem como recurso facilitador do ensino e de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, K. C. K.; SANTOS, M. A. P. **A linguagem visual aplicada a anúncios publicitários**. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2010. p. 3-7. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-karen-santos-marilene-a-linguagem%20visual-aplicada.pdf>. Acesso em: 12 de ago. de 2017.
- ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E. Y. O domínio espacial no contexto escolar. In: \_\_\_\_\_. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15.ed. – São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-13.
- ALVES, C. C. E. **Ensino de geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica**. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 27 - 34, fevereiro. 2016. Disponível em < <http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/453/422> . Acesso em 09 de ago. de 2016.
- ANDRADE, M. C. de. O Livro Didático de Geografia no Contexto da Prática de Ensino. In: \_\_\_\_\_. **Caminhos e descaminhos da Geografia**. 3. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1992, p. 57-65.
- AUMONT, J. A busca visual. In: \_\_\_\_\_. **A imagem**. 13. ed. Trad. Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. Campinas: Papyrus, 1993. (Col. Ofício de Arte e Forma), p. 58-73. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/aumont-jacques-a-imagem.pdf> . Acesso em: 12 de ago. de 2017.
- BECHARA, E. (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011. ISBN 978-85-04-01733-5.
- BELO, E. M. **Imagem: Geografia da realidade ou realidade geográfica? uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir da leitura dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade**. 2009. 191 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104363>>. Acesso em 23 ago. de 2017.
- BRASIL, E. F. **Chapada da Diamantina**. Disponível em: <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/wp-content/uploads/2014/10/chapada1.png> . Acesso em 12 de fev. de 2017.
- CALLAI, H. C. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** In: Revista Terra Livre. N° 16. São Paulo, 1° semestre de 2001. p. 133-152. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/files/TL\\_N16.pdf](http://www.agb.org.br/files/TL_N16.pdf)>. Acesso em: 20 de out. de 2017.
- CASTELLAR, S; VILHENA, J. A linguagem e a representação cartográfica. In: \_\_\_\_\_. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 23-42.
- \_\_\_\_\_. O uso de diferentes linguagens em sala de aula. In: \_\_\_\_\_. **Ensino de geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 65-98

CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e procedimentos de ensino de uma perspectiva socioconstrutivista. In: \_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 175-198.

\_\_\_\_\_. Geografia escolar, formação contínua e trabalho docente. In: \_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 85-108.

CEREJA, C. A. S. FERNANDES, G. R. L. ESTÊVEZ, L. F. Avaliação no processo: aprender ensinando. In: PASSINI, E. Y. (org.) **Prática de ensino de geografia e estágios supervisionados**. 2.ed., 1ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2011, p. 178-195.

DALÍ, S. **Cisnes refletindo elefantes**, 1937. Disponível em: < <http://www.dali.com/blog/wp-content/uploads/2011/02/37SwansReflectingElephants.jpg> >. Acesso em: 15 ago. 2017.

FERREIRA, A. B. de H. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4.ed. ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.526.

FLUSSER, V. A imagem. In: \_\_\_\_\_. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 7-12.

GODOY, A. C. de. **As imagens na sala de aula: produção de conteúdo visual no ensino de História e Geografia local**. 2013. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-19022014-173117/pt-br.php>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.

GOOGLE. **Imagens de João Pessoa-PB**. Disponível em <<http://oconciergeonline.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Joaopessoa2.jpeg>>. Acesso em 12 de fev. de 2017.

JOLY, M. O que é uma imagem. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996, p. 13-40.

MACIEL, E. M.; MENDES, B. M. M. **O estágio supervisionado como espaço de vivência da prática de ensino**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Campinas-SP: Junqueira & Marin Editores, Livro 2. 2012, p. 1-9.

MARTINS, C. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010. 2013, p.1-21. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>> Acesso em: 20 de ago. 2017

**Noções Básicas de Cartografia**. Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoos/representacao.html](https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/representacao.html)  
Acesso em: 15 de fev. de 2018.

PIMENTEL, C. S. **A imagem no ensino de Geografia: a prática dos professores da rede pública estadual de Ponta Grossa, Paraná**. 2002. 140f. Dissertação (Mestre em Geociências na Área de Educação Aplicada às Geociências) - Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: <

[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/287231/1/Pimentel\\_CarlaSilvia\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/287231/1/Pimentel_CarlaSilvia_M.pdf). Acesso em: 13 de out. de 2017.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. H. A questão da imagem. In: \_\_\_\_\_. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed.- São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental, p. 278-282.

RODRIGUES, R. C. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Em Revista *Inf., Brasília*, v. 36, N. 3, set./dez. 2007, p. 67-76. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/16201/1/737.pdf>>. Acesso em: 18 de fev. de 2018.

SAMPAIO, F. dos S. **Para viver juntos: geografia, 6º ano: anos finais: ensino fundamental**. 4 ed. – São Paulo: Edições SM, 2015.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. Imagem como representação visual e mental. In: **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1.ed. São Paulo: Iluminuras, 2008, p.15. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=u17HivW57DoC&oi=fnd&pg=PA15&dq=SANTAELLA,+Lucia+%3B+NÖTH,+Winfried.+Imagem:+cognição,+semiótica,+mídia.+São+Paulo:+Iluminuras,+2005.%5D&ots=eY\\_mLENckf&sig=TzUDr9phU0qziVutpyXEnEQHZZs#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=u17HivW57DoC&oi=fnd&pg=PA15&dq=SANTAELLA,+Lucia+%3B+NÖTH,+Winfried.+Imagem:+cognição,+semiótica,+mídia.+São+Paulo:+Iluminuras,+2005.%5D&ots=eY_mLENckf&sig=TzUDr9phU0qziVutpyXEnEQHZZs#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 21 de jan. de 2018.

SATO, E. C. M.; FORNEL, S. R. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, E. Y. **Práticas de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. 2.ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2011, p. 52-57.

SANTOS, C. O uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, U.de O. (Org.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. ed.- São Paulo: Contexto, 2012, p. 195-207.

SANTOS, R. de. C. E; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n.3,set./dez. 2011, p.167-182. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1uMfLdqC86AJ:https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/download/7353/4392+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=opera>> Acesso em: 10 de setembro de 2017.

SHOKO, K. Questões preliminares do ensinar-aprender. In: **Geografia no ensino básico: questões e proposta**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SIQUEIRA, S. **Importância do preenchimento correto do diário de classe**, 2013. Disponível em: <<http://www.santiagosiqueira.com.br/2013/03/diario-de-classe.html>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

TARDIF, M. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: \_\_\_\_\_. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. - Petrópolis, TJ: Vozes, 2010, p.31-55

TOSTA, L. R. de O.; SILVA, T. B. F.; COMIN, F. S. **O Relato de Experiência Profissional e sua Veiculação na Ciência Psicológica**. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/6016/5994> Acesso em: 05 de jan. de 2018.

ZATTA, C. I.; AGUIAR, W. G. de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia.** Paraná., 2009, p.1-8. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>. Acesso em 20 de mar. de 2017.